



O RIO DA UNIDADE NACIONAL

O SÃO FRANCISCO

1323

Serie 5.^a — BRASILIANA — Vol. 91
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

ORLANDO M. CARVALHO

O Rio da Unidade Nacional

O SÃO FRANCISCO

(REPORTAGEM ILLUSTRADA)



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife

Nº sist. : 206000
Cód. barras: 81395

DO MESMO AUTOR:

Edições Amigos do Livro — B. Horizonte

Problemas de Politica Economica, 1934

Duas Officinas de Policia Technica, 1935

O municipio mineiro em face das Constituições, 1937

Cia. Editora Nacional

Problemas Fundamentaes do Municipio

Vol. 84 da Serie "Brasiliana", 1937

ÍNDICE

Introdução

I — A direcção das aguas e o caminho da civilização	9
II — O relevo e a colonização	15
III — O espaço e a vida americana.	21
IV — A circulação activa do sertão	34
V — O interesse actual do rio	39

O METHODO:

Seu “Lambári”, geographo letão do São Francisco	47
---	----

VIDA ECONOMICA:

I — Os problemas de circulação	61
II — O commercio do sal	68
III — A Companhia Mineira de Navegação do São Francisco.	75

VIDA DOS HOMENS:

I — Os barqueiros	83
II — Os barranqueiros	90
III — Os ladrões, os anarchistas e os donos do rio	98

VIDA DAS CIDADES:

I — Cidades vivas e mortas	107
II — A Lapa do Bom Jesus.	113

AS ACTIVIDADES POPULARES:

I — O Compadre, o Caboclo e outros bichos da- gua	121
II — Os cantadores	130
III — As artes populares	137
IV — A dispersão das velharias	144

CONCLUSÃO:

Viajemos pelo rio de São Francisco	151
--	-----

APPENDICE:

Alguns preços da região	159
-----------------------------------	-----

Introdução

I

A DIRECÇÃO DAS AGUAS E O CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO

O destino do Brasil dependeu, em certo momento historico, da direcção das aguas de seus rios: eram elles a unica estrada desimpedida, que somente a indiada dispersa pelas margens poderia perturbar. Mas, pelo contrario, os indios constituiram, em principio, motivo de sua navegação, porque representavam o recurso do operario mais á mão.

Tolhidos pela barreira da Serra do Mar, de um lado, e, de outro, pela muralha da Mantiqueira e suas ramificações para o interior, os escoadouros das aguas do sul só encontraram collectores favoraveis na direcção leste-oeste: estas estradas movediças, porém, levavam os homens para o mysterio e para a aventura sublimada mais tarde em Potosi.

Transposta a Mantiqueira, os europeus encontravam a serra bifurcando-se em forma de V e separando novamente as direcções das aguas. Só uma bacia collectora era possivel no centro dessa bifurcação e havia de correr parallelamente á costa por centenas e centenas de kilometros, em pleno planalto central. A um rio, cuja direcção comportava tamanha divergencia, caberia, por certo, função especial: era a função nacional do S. Francisco.

A densa floresta, que adheriu á montanha littoranea, acompanha-a por toda parte, até os confins da Bahia nordestina. Encontramos nestes factores dois elementos da formação sertaneja: a montanha oppoz um divisor de aguas muito proximo da costa, dificultando os cursos grandes e tranquillos. O maior desses rios, o Doce, apresenta taes dificuldades de navegação que um governador, ao tempo de Eschwege, annunciava a sua abertura ao transito com apenas 23 baldeações.

A direcção das aguas em tal trecho da costa era hostile á nova civilização, que vinha

do mar amigo, traço de união perpetua das duas margens atlânticas.

De outro lado, a floresta separava o litoral do sertão de forma definitiva. Ninguém ousava devassar-lhe a espessura carregada de perigos, nem illuminar-lhe a penumbra humida, prenhe de olhos vigilantes e de cipós vivos expectantes.

Sob a protecção da montanha e do matto virgem, o sertão cresceu fora da influencia do elemento official. O planalto, independente por força do determinismo geographico, desenvolveu-se sob a indisciplina das cousas espontaneas, entregue ao seu proprio arbitrio. Dizia o chronista:

“Este vasto territorio maior do que alguns Reinos da Europa, ainda he muito pouco conhecido; serei portanto alguma cousa prolixo descrevendo-o. Permaneceu muitos annos, por assim dizer, entregue a si mesmo, governado por Capitães Mores irresponsaveis, cuja vontade era lei; em 1815 porém foi elevado a Comarca com um corregedor que em verdade pouco melhorou o seu estado”. (José Bernardo Fernandes Gama).

Peiado pelo relêvo, o homem do sertão não pode recorrer á via terrestre: é impossivel dominar os espigões, onde o matto virgem impera de forma indeclinavel. O unico recurso é o rio e a direcção das aguas determina o caminho da civilização. Poder-se-ia dizer então que caminha no sentido da gravidade, o que é exacto pelo menos para a indiada, que desceu das montanhas andinas para os planaltos, e para as planicies.

O rio de S. Francisco, correndo do Sul para o Norte, atravez de todo o planalto, representa, assim, o unico ponto de união entre as povoações dos extremos do sertão. Depois, escapo da vertigem da descida da serra no littoral, que faz dos rios cascatas, o S. Francisco dorme ao longo do planalto, sereno e convidativo, atravez de milhares de kilometros, offerecendo uma viagem tranquilla e segura. Realmente, se estudarmos o perfil magistral dessa bacia collectora, verificaremos que a suavidade da descida é impressionante. De Pirapora a Jatobá, numa distancia de 1.400 kilometros a differença de nivel é de 174 metros apenas, constituindo um enorme

trecho francamente transitavel, ao qual se poderiam accrescentar algumas centenas de kilometros mais, a montante das corredeiras de Pirapora.

O rio só deixa de ser navegavel quando começa a transpôr o muro da serra, em busca do littoral. Ahi inflecte para leste e corre na mesma direcção dos outros: perde o interesse do sertão.

Mesmo assim, a muralha de Paulo Affonso, represando as aguas em mais de 250 metros de altura, representa um papel nacional insubstituivel. E' ella que nos garante a navegabilidade do rio, impedindo a velocidade da correnteza e pondo á disposição do sertão immenso uma immensa estrada, que une, quasi em linha recta, os dois pontos extremos do interior. E' o seu primeiro serviço effectivo prestado ao paiz, facultando-lhe passagem ao largo da floresta e da montanha.

Além disso, a civilização européa installou-se com exito em pontos do littoral extremamente distantes: S. Vicente, Pernambuco e Bahia, que se isolaram no espaço, sem meios de communicacão terrestre. Expandindo pa-

ra o interior, os colonos conquistaram a serra e com ella se lhes abriu a amplidão do planalto unido pelo rio de S. Francisco, onde as raças haveriam de misturar-se e a sociedade constituir-se-ia atravez de uma circulação activa e ininterrupta, livre das peias da lei e certa de que não encontraria o misterio nos dois extremos do rio.

Os que desciam do sul sabiam que não iam para o desconhecido e os que subiam a corrente, empurrados pelo vento permanente da costa, estavam certos do convivio humano e commercial da freguezia longinqua das minas e de S. Vicente; o rio mostrava, assim, desde o principio, a sua vocação para estrada do Brasil.

II

O RELEVO E A COLONIZAÇÃO

Mais do que o clima, no Brasil, o relevo provocou o desenvolvimento da colonização, localizando-a segundo este criterio de geographia.

A montanha é, na America, a fonte da civilização, pois, do alto das cordilheiras do Pacifico é que desceram, com as aguas do Amazonas, as culturas prodigiosas dos homens vermelhos, destruidas a ferro e fogo, em alguns annos, pela audacia dos espanhoes.

Mas, a montanha americana, para o ponto de vista geographico sob o qual vamos conduzindo esta synthese, não deve ser estudada da mesma forma que a européa. De facto, ella é a fonte da civilisação.

Quem estuda os Alpes, por exemplo, deve começar pela determinação das condições prehistoricas da vida humana sobre suas vertentes millenarias. E' importante verificar pelos fosseis desenterrados, pelas investigações geologicas e paleontologicas, como viviam da caça e de um barbaro pastoreio os primeiros homens da montanha européa. Depois é que vieram cultivar a planicie. Entre nós, porém, é preciso considerar a desvalia da observação prehistorica: os primitivos habitantes da montanha não tinham á mão animaes domesticos de porte apreciavel, que lhes proporcionassem occasião de pastorear. O maior era a llama, que ficou restricta aos Andes. Pouco importa que os caçadores de renas, de ursos, veados e marmotas fossem os primeiros alpinos. A montanha brasileira, servindo de abrigo aos indios, era, porém, pobre de animaes e não conseguiu despertar nelles os instinctos tradicionaes, nem os typos de vida, que caracterizam a montanha de outros continentes.

Assim, a funcção da montanha só começa a interessar quando o europeu transporta

para cá os animaes que o servem e os abandona na vastidão deshabitada e fertil da zona planaltina.

E' preciso discriminar tambem os typos de relevo e sua influencia na distribuição das vocações da montanha brasileira. O relevo entre nós apparece sob formas diversas, segundo a distribuição da humidade que, facilitando a decomposição chimica das terras, fabrica a aspereza da montanha do Rio Doce ou a monotonia infinita do planalto Sanfranciscano.

Accresce ainda, ao caso particular do rio Doce, que a floresta adensou-se em toda a bacia, creando porventura maiores difficuldades para a transposição do relevo. Se é certo que a montanha offerece naturaes vantagens para a vida pastoril, vamos ver que a floresta impedia em parte a integração da Mantiqueira no seu destino geographico. O colono foi obrigado, por toda parte onde penetrava, a destruir a matta densissima e hostile. Na clareira aberta, plantou os generos de que precisava, principalmente aquelles que os consumidores das zonas temperadas estavam a

exigir. Exgottada a terra, o lavrador abandonava-a, em busca de outro lote virgem do esforço da produção. A capoeira invocava o gado e a pecuaria substituiu a agricultura.

Alli, então, observamos um dos paradoxos da vida americana: a agricultura é nômade, enquanto as zonas de pastoreio são permanentes.

Sempre que a floresta povoa o relevo no littoral, o phenomeno é o mesmo em suas linhas geraes. Porém, assim que a montanha perde a violencia das decomposições pela humidade — que chega ao Sul a obrigar os interessados a pixarem as rochas para evitar a desaggregação — e attenua o relevo, apresentando a extensão infinita do planalto, assistiremos ao apparecimento de outro typo de vida nas montanhas.

O relevo já não oppõe obstaculos. E' só o clima deprimente. Com o desaparecimento do relevo, desaparece tambem a floresta. O movimento de colonização, que vinha soffrendo todos os retardamentos na subida, encontra, de repente, os horizontes abertos e as

possibilidades de conquista ampliadas até onde a imaginação puder chegar.

Com a victoria da montanha no sul, por Minas, e no Norte, por Bahia, entra o colono na conquista miraculosa do espaço, que é a fonte de reversão da geographia americana.

O planalto sanfranciscano, sem floresta e ralissimo de gente, permite que o gado se espalhe desde Formiga até os pastos do Piauí e do Maranhão. Entretanto, o isolamento da montanha é menos intenso que o isolamento do planalto.

Na montanha, os obstaculos são o relevo e a floresta. As cidades são proximas entre ellas. A agricultura prospera, os homens se cultivam e a vida torna-se urbana.

Os moradores ruraes dessas montanhas, ainda hoje, chamam ás povoações de rua (Luiz Camillo).

No planalto, o unico impecilho é o cansaço e alli, mais do que em nenhuma outra parte da altura, os agglomerados são funcção da jornada, deslocando-se em proporção de sua facilitação.

Por isso mesmo, os moradores do planalto sanfranciscano chamam ás suas povoações de — **commercio**. “Vamos á rua” e “vamos ao commercio”, síntese de duas geographias do relevo nacional.

III

O ESPAÇO E A VIDA AMERICANA

A cultura européa encontra na America uma grande fonte de contradição — o espaço. Tudo aqui soffre uma ampliação desmesurada, que desloca o ambito da acção humana de forma asiatica, ou africana, mas nunca mediterranea, um “*dépaysement géométrique dans un cadre où chaque détail est atteint de gigantisme*” (Siegfried).

Ao estudar a montanha americana, os geographos verificam, desde logo, que o espaço é a unica força distribuidora da actividade modificadora do homem. E' elle quem colloca as cidades aqui e alli no planalto sanfranciscano, mas, por isso mesmo que lhes falta um fundo geographico que lhes justifique a permanencia, estão sempre em vespervas

de deslocação. Na historia colonial de Minas são numerosos os casos de cidades que descem dos morros, de repente, que sahem de uma chapada para outra, para approximar-se de uma estrada de boiadas mais frequentada e promissora. Um accidente pittoresco, por vezes, localizará definitivamente certos nucleos: Montes Claros, o antigo arraial de Formigas e Cruzeiro, deslocou-se, nos principios do seculo passado, para um outro ponto, perto da estrada real, por suggestão de um padre. Em 1807, porém, a "bexiga" deu no novo povoado, matou muitas pessoas, inclusive o padre, e o povo voltou para o antigo villarejo abandonado, onde até hoje está. O famoso arraial de Mathias Cardoso, peão de correrias no S. Francisco, mudou de logar com o velho Januario Cardoso, fixando-se onde hoje é Morrinhos. Em Remanso, a politica espantou parte da população, que desceu o rio e foi fundando povoados mais ou menos ao léo da correnteza: qualquer logar parece propicio para as cidades, sob o espaço uniforme do planalto, massa simples e incolor, cobrindo o extenso coração do Brasil.

A noticia da existencia-das grandes pastagens sanfranciscanas foi, em principio, mais efficiente do que a miragem do ouro occulto das minas. Muito antes que se espalhasse a nova do descoberto, já paulistas se haviam estabelecido com fazendas de criação em muitos pontos do rio, avançando em profundidade até os pastos folkloricos do Piauihy. As fazendas eram, porém, dispersas e apresentavam caracteres proprios da região, cuja estrutura geologica variada não permittia concentrações.

O gado, além do mais, encontrava uma região sem limites, onde a herva não soffria alterações provenientes das mudanças de temperatura. O grande problema era o sal, que algumas terras salobras em parte resolviam, fornecendo parco material. A importancia deste problema apparece muito accentuada nas rixas dos fazendeiros da chapada do Araxá, onde todos levavam os seus rebanhos para abeberarem-se nas mesmas lagôas salobras da região.

A migração periodica da montanha andina ou alpina desaparece. O gado indisci-

plinado, também, não permite movimentação. Vive da herva parca e desigual que o humus das enchentes favorece em uma vasta extensão sobre a qual o rio divaga familiarmente a cada cheia. O isolamento geographico do planalto, a invasão do gado e a indisciplina social são os factores principaes da especialisação pastoril do S. Francisco. O gado chega mesmo, por via do espaço immenso e deserto, a apropriar-se de terras que a agricultura por certo poderia reivindicar.

O unico problema dos criadores do S. Francisco é conduzir o rebanho para os mercados. Por ventura, os mercados da região são faceis. Da vasta bacia desciam rezes para todas as cidades de Minas.

Dizia Mawe (1807-1810): “Cria-se na sua margem e na parte leste muito gado que se vende em todas as cidades da capitania e do qual se enviam numerosos rebanhos ao Rio de Janeiro, a mais de 600 milhas de distancia. E’ fonte de um grande commercio, origem da fortuna de algumas familias que se dedicam á criação. Queixam em toda parte da falta de sal.”

Taes mercados, porém, eram distantes. Nova originalidade do planalto americano: o gado caminha longas distancias ininterruptamente. Ha rebanhos com 40 kilometros diarios, perfazendo totaes de 400 Kms. As hervas por toda parte existentes facilitam a jornada das rezes. O transito é continuo e a estrada de bois, ao lado dos curraes, constituem os nucleos fundamentaes do povoamento dos sertões.

O grande percurso envolve outra differenciação da montanha nova americana. E' que o gado emmagrece no caminho. Ao fim da jornada, necessita repouso e alimentação. E' a estação da engorda. As grandes provincias pastoris, que se limitam conforme os mercados que abastecem, dividem-se, em zonas de criação e zonas de invernada e as feiras respectivas — feiras de gado gordo e de gado magro.

Outra differenciação interessante: as feiras de gado não concorrem de forma accentuada para a formação de compactos nucleos urbanos, por maior que seu movimento seja animador. O gado em grande quantidade,

que a ellas aporta, necessita espaço para pastar. As feiras vão, assim, localizar-se, ás vezes, a trinta kilometros da povoação.

Além disso, o mercado facil para o gado do planalto facilita a radicação na massa dos vaqueiros de habitos de parcimonia. Não ha precisão de desperdiçar a carne. O barranqueiro é parco na sua vida e modestissimo na sua cosinha. Chega a dispensar qualquer importação.

O aproveitamento economico do rebanho e a longa caminhada no S. Francisco podem oppor-se, como características geographicas, a outras provincias pastoris da região. O desperdicio de carne do gaúcho, a churrascada, com a passoca economica do nordestino.

Quanto aos caminhos, encontramos interessantes e novas perspectivas. O gado do planalto sanfranciscano tem caminho com abastecimento garantido. Sua marcha regular pode alterar-se accidentalmente sem prejuizo para o boiadeiro. Já no Nordeste os dois grandes caminhos do gado do Piauí para o littoral, especialmente Recife, apresentam condições climaticas diversas.

O gado sahe no fim do inverno dos pastos do Piauhy para o Recife, atravez do Ceará, Parahyba, ás vezes, Rio Grande do Norte. Nestes Estados, o estio é violento e mata as hervinhas com pouco tempo de acção. Por isso, os boiadeiros são obrigados a fazer percursos regulares. As etapas são marcadas. Uma que se atraze e o gado poderá morrer de fome na caatinga.

Desses pousos regulares, resultaram cidades sertanejas, que permitem recuperar a rota.

Para o Piauhy: Pau dos Ferros e Patú — Souza — Icó — Tauá — Cratheus. Em sentido contrario: Souza — Pombal — Patos. Do Rio Grande do Norte: Apody — Augusto Severo — Caicó — Jardim — Soledade — Campina Grande — Itabaiana — Itambé — Goyana — Igarassú. (Camara Cascudo). Como se vê, o gado do Piauhy civilisou o interior do Nordeste, sem, entretanto, facilitar a influencia do littoral. Só muito tarde, quando a circulação activa do sertão tinha misturado fortemente a população, é que a Metro-

pole interveio. Quando o Brasil já tinha nascido.

A outra rota do gado que abastecia o Norte sahia do Salvador e subia por Joazeiro, Sul do Piauhy, até Pastos Bons, no Maranhão. A estrada de ferro começa a cobrir o mesmo percurso. Ao longo dessé caminho, foram-se formando povoações e novas feiras, que a alteração das rotas matou: assim aconteceu com Itapicurú-Mirim, como antes já havia acontecido com Aracaty e dia virá para Feira de Santanna, Montes Claros e Conquista. Este caminho fornece tambem outro traço interessante para o ethnologo. O vaqueiro pela sobriedade de sua vida, pelo genero de actividade que adopta, não precisa senão de raros empregados, que escolhe mesmo entre a indiada e os caboclos. Já no caminho Salvador-Pastos Bons apparecem mestiços de sangue africano nas veias. Os criadores soffrem um pouco da influencia do littoral e a cada comitiva aggregam-se negros escravos para a conducção. E' uma estrada de bois que descem e de negros que sobem para o sertão. A zona que a estrada não servia — o Nordeste

— está isenta quasi totalmente do sangue africano, pelo menos nas primeiras eras da colonização.

Entretanto, a grande estrada do S. Francisco levou de S. Vicente para o Norte os elementos de que dispunha: o gado, o paulista e o negro. Os fazendeiros de maior potencia, como Mathias Cardoso, tinham fazendas de Pirapora a Therezina, percorrendo-as a cada correria atraz de indios para reduzir e trazendo o gado gordo de umas para outras. Estabelecia-se, por essa forma uma activa circulação no rio, que começou a infestar-se de exploradores de todo genero, freguezia propria de estrada transitada.

Quando estourou a noticia do descoberto dos diamantes e do ouro, os fazendeiros se abalaram das invernadas e dos curraes para o centro das montanhas. Mas, já o São Francisco estava lançado e a circulação interior fundada.

Manoel Nunes Vianna, que depois editaria o "Peregrino da America" e possuiria minas de prata em Potosi, estava pobre nessa oportunidade e tentava a fortuna com uma

procuração da viuva de Antonio Guedes de Britto, Regente do Rio de S. Francisco, para cobrar os foros dos habitantes de sua enorme sesmaria de 960 kilometros de rio. Ao perceber a migração violenta para as Minas, Manoel Nunes Vianna tomou uma barca para a Bahia e trouxe, pelo rio, mercadorias e fazendas para venda aos garimpeiros e faiscadores, pelos olhos da cara. Foi a maior fortuna do paiz naquelle tempo.

O gado da chapada encontrou, com essa avalanche de mineradores, nova occasião de prosperidade. Além do mais, o desenvolvimento de nucleos urbanos no Sul melhorava o consumo e o gado em pé valia ouro em movimento. O S. Francisco, como fornecedor do Sul e do Norte estava garantido.

Pode-se contrastar esta pujança da pecuaria do planalto com as difficuldades do rebanho da Matta. Nas pastagens naturaes e nas capoeiras conquistadas á floresta e á agricultura criava-se gado excellente, que não encontrava mercado á porta. A floresta e o relevo cercavam por todos os lados as rezes do Rio Doce.

A entrada para a Matta se fez por Marianna. A linha de municipalização accusa o caminho: 1.º) Marianna, Pomba (1831), Rio Branco (1839), Muriahé (1855), Carangola (1878); 2.º) Marianna, S. João Nepomuceno (1841), Mar de Hespanha (1851), Leopoldina (1854), Cataguazes (1875), Palma (1870); 3.º) Marianna, Ponte Nova (1857), Manhuassú (1877); Caratinga (1890), Itanhomi (1923).

O mercado prospero do Rio não tinha communicação com a Matta. Isolada, tentou sahida pelo Espirito Santo, cortando a floresta em picadas que dessem em portos de exportação. Mas, a empreza não vingou.

“O transito pela estrada nova ia sendo activo — diz o chronista — mas só a 22 de julho de 1820 chegou a porto Velho, vinda de Minas, por esses caminhos, a primeira boiada, conduzida pelo mineiro Antonio Alexandre Eloy da Camara, que foi recebido com attensões especiaes. Outros se lhe seguiram mais tarde, mas apezar da isenção dos impostos por 10 annos, teve que cessar esse commercio á falta de consumo para todo o gado que che-

gava. Decahindo o transito commercial, começou a estrada a ser abandonada até que em 1830 foram retirados os quarteis, lá ficando apenas alguns moradores, arruinando-se por fim esse trabalho que tanto custara". (Antonio Marins).

Em alguns lugares da Matta a floresta levantava o problema da morte da pecuaria, por impossibilidade de expansão. O presidio do Cuieté, localizado no meio do matto por ser mais segura a detenção de criminosos, iniciou uma criação. Entretanto, um sargento observador informava a seu tempo: "o gado propaga exuberantemente aqui pelas ricas pastagens que offerece o lugar, mas a falta d'exportação que ha para o mesmo, breve as tornará ridiculas, assim augmentar-se o numero de 2\$ cabeças que existe, por não ser grande o terreno." (apud Guilherme Cesar).

Por ahi se vê que, emquanto outras provincias pastoris luctavam com serios problemas de circulação, o planalto sanfranciscano offerecia as mais seguras soluções: o gado sahia para varios pontos facilmente e a larga

estrada levava e trazia gente de commercio e de aventura, forjando no interior do paiz fortes correntes migratorias, a ponto de commerciantes de Minas pagarem impostos nas alfandegas de Cachoeira e S. Felix e o bispo de Pernambuco vir a Paracatú inquirir sobre costumes da população morrendo mysteriosamente envenenado com vinho de missa, bebido durante a cerimonia.

IV

A CIRCULAÇÃO ACTIVA DO SERTÃO

Uma nova diferenciação apresentada pelas montanhas dos paizes novos é a especialização de culturas. “Chaque région se voit réserver les productions qu’elle mérite et rien que ces productions” (Blanchard).

O sertão foi desde logo entregue ao dominio pastoril, com mais esta circumstancia profundamente americana: os rebanhos são homogeneos.

Faz-se mister, então, ir a outras regiões buscar os animaes auxiliares para cuidar do gado e para o transporte. O sul se especializa em mulas, que eram levadas a Sorocaba, onde, na feira, se reexportavam para Minas, a 50.000 por anno. (Deffontaines).

A especialização das montanhas e a homogeneização dos rebanhos creavam a circu-

lação activa do sertão pastoril, fazendo das estradas reaes verdadeiras procissões de tropas. Havia, de facto, vida no planalto; e os homens vinham com seus animaes de todos os pontos, convergindo para as minas e para as zonas de producção.

Neste momento historico da vida brasileira é que o papel do rio de São Francisco assume importancia excepcional como coordenador de forças de unificação.

Com o gado, traz o sal do norte, traz o escravo da Bahia. Os papeis do governo da Capitania accusam com frequencia operações officiaes relativas ao transporte de negros pelo rio. O commercio se faz com o norte por ahi, infestando-se o rio de ladrões, que provocavam diligencias sensacionaes, como a dos "Viraçaias", na qual se prenderam cento e tantas pessoas, inclusive mulheres e creanças, remettidas para Villa Rica (Feu de Carvalho).

Com a queda da mineração, emigram os garimpeiros para os pastos do S. Francisco, do Rio Grande e do Parahyba. Diz Eschwege, na "Pluto Brasiliensis":

“Obrigados então a deixar a sua profissão, abandonaram casas e bens em procura de outras regiões onde se poderiam entregar á lavoura e á criação, pois por falta de matas, as regiões auríferas são em geral estereis. Foi assim que povoaram o sertão de S. Francisco e o que medêia o rio Paranahyba e Rio Grande, tendo decrescido na mesma proporção a população das regiões auríferas”. (Trad. Jacob).

O rio recebe os homens do sul, que depois devolve, ahi por 1869, para as culturas sem braço, como notara Burton em suas viagens.

Da parte do Norte é a mesma cousa: os criadores especializados da chapada nordestina recebem o abastecimento de outras regiões, a lombo de burro.

Com os rigores do estio, as tropas se immobilizam. Não vindo o abastecimento para as populações, são as populações que se deslocam atraz delle, refluindo sobre o rio receptivo, que as desaltera e as alimenta, carregando-as depois para as lavouras do sul.

Um indice curioso da vivacidade do transito é o apparecimento do trachoma, que o es-

trangeiro traz para São Paulo, em lugares ermos do sertão da Bahia, conforme apurou um medico da milicia mineira, quando das correrias atraz do bando de Prestes no interior.

O rio funciona como matriz, distribuindo a gente para os confins do mundo brasileiro, misturando o do sul com o do norte e empurrando-os a ambos para novas direcções, quando, por exemplo, a miragem dos diamantes do Araguaya reclama "brabos" para decepcionar.

A população da bacia é, de facto, pequena. A parte de Minas terá, no médio S. Francisco, 150.000 almas.

Esta massa continuou uma escassa agricultura que os primitivos povoadores iniciaram. De vez em quando, um impulso de propaganda favorece um que outro typo de plantação. Houve no principio, a canna. Depois principalmente por ocasião da guerra de Secessão, o algodão, que cahiu, com o tempo. Mais tarde, a maniçoba e a carnauba. Hoje, são o algodão e a mamona.

Mas nenhuma destas culturas faz face á pecuaria e muito menos tira ao rio extraordinario o seu character essencial da estrada do Brasil.

Nem a concurrencia das estradas de rodagem do Nordeste mineiro, confluindo para Montes Claros, tem importancia geographica essencial: são simples accessorios de economia, que desapparecerão da barranqueira quando fôr augmentada a frota em actividade no rio.

O INTERESSE ACTUAL DO RIO

Exactamente porque o rio de São Francisco exerce uma funcção tão importante na formação da unidade nacional é que, de vez em quando, attrahe a attenção da opinião publica e dos administradores.

Dá-se ahi, então, o redescobrimento do rio pelos jornaes e multiplicam-se as informações sobre a região. Os administradores promovem outras tantas litteraturas, com repercussão sympathica por toda parte dos Estados que o grande e desconhecido rio banha.

A campanha é opportuna, principalmente se della advierem conhecimentos exactos da vida na bacia interior, não só na collectora, como na de seus contribuidores.

A geographia dessa extensa região restringe-se até agora a alguns grandes trabalhos scientificos, de Halfeld (1853), Liais, Krauser, Branner, Williams (1907) e Theodoro Sampaio (1897). Este ultimo, observando e vendo o sertão da Bahia, desfez uma serie de phantasias, que tinham curso desde o honesto Barão de Eschwege, que não pode percorrel-o, mas imaginou como deveria ser.

Depois disso, o governo de Minas, através do dr. Mello Vianna, descobriu novamente o S. Francisco e a literatura official architectou para a opinião publica, em diversas occasiões, um paraíso aquatico, povoado de passaros de todos os generos; tão cheio de peixes que elles saltavam dentro dos vapores; semeado de heroes anonymos pelos barrancos, pelas barcas e enxameado de cidades valorosas e em pleno florescimento.

Essa idéa está tão arraigada no espirito do publico, que, ainda ha pouco, a Associação Commercial de Minas, que, entretanto, é um órgão bem informado, declarou esperar a solução da alta vertiginosa de preços de generos em Bello Horizonte com o transporte de tone-

ladas de generos que abarrotariam os armazens dos portos do S. Francisco.

Tudo se explica, porém, neste paiz, onde os homens vão observar com criterio de puro turismo, ou eivados de preconceitos iniciaes. Em todo o curso do rio, só encontram aquellas grandes possibilidades da natureza, enfeitando-se com ellas, exclusivamente. Se o rio é piscoso, assustadoramente piscoso, entretanto não se come peixe a bordo dos vapores. porque não ha quem o venda, senão de raro em raro, como quem faz commercio com animal escasso e difficil de obter. Se as possibilidades são infinitas e se a terra aguenta tres colleitas de arroz por anno, entretanto os barranqueiros, os barqueiros e os demais ribeirinhos comem apenas farinha de mandioca, carne secca, ás vezes feijão, e rapadura, subalimentação evidentemente impropria para heroes.

Já não conhecemos bem a historia do rio milagroso. Vicente Licinio Cardoso que por lá andou em 1924, chamou-o de rio sem historia. Os documentos estão perdidos e os mais importantes em poder de missionarios, cuja

historia até agora não se fez. Dizia Capistrano de Abreu ser presumpção escrever a historia do Brasil antes da historia dos jesuitas... Não se levantou ainda um itinerario de boiadas do sul de Minas para o Sertão, nem se localizaram os curraes distribuidores do gado que haveria de povoar a bacia do rio, desde Formiga até Remanso e, dali, os confins do Piahy, onde latifundiarios do Norte de Minas tinham fazendas de criação.

Pois bem. Não se faça o mesmo com o estudo das condições actuaes do rio de S. Francisco enleando os interessados distantes em considerações de ordem das de Pero Vaz de Caminha. A attracção physica do rio não deve fazer esquecer a precariedade da vida humana que ali se desenvolve. Móra no S. Francisco uma massa de gente pauperrima, isolada demais entre si para sanear a margem das febres, vivendo de um padrão de vida deficitario e subordinada ao transporte irregular offerecido por um rio de regimen complexo e extremamente variado; que lhe empobrece as culturas e lhe desvaloriza de tal maneira os poucos productos, que o seu apre-

çamento causou espanto, quando o puz de repente sob os olhos incautos dos leitores despreocupados e ricos do sul.

O interesse economico do aproveitamento do rio é cada vez mais actual, justificando as palavras de Eschwege, nas suas "Contribuições para a Geognostica do Brasil", em que, após fallar no largo trajecto desimpedido do mesmo, accrescenta:

. "Daqui se vê quão importante no futuro deverá este rio ser para o commercio das provincias de Pernambuco, Bahia e Minas Geraes, quando mais tarde se tornar mais densa a população e, sobretudo, para esta ultima provincia, quando crescerem e se reunirem os arraiaes da Porteira e da Manga, distantes um do outro apenas meia hora de viagem, vindo a constituir um dos emporios commerciaes mais importantes do paiz. Mesmo actualmente o movimento já é importante nesses lugares, devido ao commercio de sal, proveniente dos barreiros salgados sites á margem do rio, nas provincias de Pernambuco e Bahia". (Trad. Jacob, 380).

O rio de S. Francisco pode ser aproveitado, não ha duvida, mas, por enquanto só o tem sido para artigos de jornal. . .

Senhor de uma volubilidade feminina o rio muda os caminhos da navegação com uma facilidade chocante e, dentro da estabilidade de seu largo "plateau" apertado sempre entre fortes montanhas, dá-se ao capricho de desmanchar cada anno um pedaço de terra, removendo suas areias docilimas para outros sectores, desnorteando os praticos e os navegantes estúdiosos. Os que já passaram sobre elle de aeroplano contam que são frequentes os leitos velhos abandonados, variantes mal cobertas de fraca vegetação, que denunciam a vida airada do rio mysterioso. Elle vive desmanchando suas margens e arrastando uma massa enorme de paus, de casas e culturas, depositando-os por toda parte, com o auxilio do Compadre, do Cabôclo dagua e da Arinhanha, no caminho dos vapores e das barcas de figura de prôa sem virtude.

O aproveitamento economico do rio envolve, assim, problemas de varias ordens, desde a fixação das margens e o lançamento de

diques especiaes para encaminhar a correnteza, até o saneamento, irrigação e racionalização da agricultura das terras marginaes.

Coroando esses trabalhos, que já são de si inestimaveis, resta um outro, que em futuro não remoto, parecerá menos platonico: o do aproveitamento da proximidade das bacias do S. Francisco e do Tocantins, para ligal-os e fazer transportar por ahi a producção siderurgica até o Amazonas, recebendo em troca os accessorios da producção, as manufacturas e a gazolina. (Walter Euler). O transporte desta ultima de Belem ao interior de Goyaz, pelo Araguaya, já possibilita actualmente uma concorrência de preços surprehendente com a que vem de S. Paulo — o que denuncia, desde logo, uma perspectiva do futuro da grande estrada sertaneja.

O methodo:

Seu “Lambári”, geographo letão
no Rio de São Francisco

Quando puz o pé no nocturno do sertão, ha tempos atraz, tinha em mente passar um mez á beira dagua colligindo elementos para responder á seguinte pergunta: “Como vivem as populações ribeirinhas do rio de São Francisco em 1936?”

Quer dizer, era um simples reporter, de machina photographica na mão, despreocupado, desinteressado — o rio de S. Francisco não constitue objecto de nenhuma ambição da minha parte — e cuja maior attenção estava voltada para a possibilidade de uma reportagem capaz de ser uma synthese precisa de informações para o geographo regional que della se inteirasse.

Ora, por ahi se comprehende a importancia que teve no desfecho da viagem o encontro que fizemos com o prof. Gederts Ramans, professor de geographia da Universidade de Riga, na Letonia, topado por acaso numa mesa commum de almoço, na parada de Lassance

de Pirapora. O professor estava apertado para pedir um pedaço de linguiça, que no fundo era pimenta com um pouco de linguiça, e estava interessado em provar uma cachaça que corria de mão em mão, festivamente.

Mas, só fallava inglez e allemão. Quatro dias antes, estaria apeando de um vapor europeu, no caes da praça Mauá. . .

O dr. José de Mello Santos, meu culto e viajadissimo companheiro de viagem, fallava "yes" e eu, com certa hesitação, "ya". De Lassance para cima já eramos tres cavalheiros entendendo-se alegremente em um vocabulario internacional de "steward".

Logo em Pirapora, o professor Gederts Ramans começou a scandalizar. Enorme e gordo, vermelho, careca, olhos azues, sorridente e affabilissimo, elle carregava ás costas, em uma mochila de soldado, alguns milhares de chapas photographicas. No hombro, um tripé de "pose". Ajunte-se a essa extranha carregação "culottes" verdes, um paletó de alpaca da mesma cor, polainas de enrolar, e um berrante chapeo de sol de seda branca, que acabara de comprar na Arabia, sua ultima

excursão — e pode-se calcular a attracção desse numero no sertão.

Como geographo que se preza, na mesma tarde da chegada, fez-nos andar 15 kilometros de praia e cerrado, atraz de typos e paysagens regionaes. No dia seguinte, internamo-nos no matto, cercando cavalleiros, mulheres carregadoras de lenha, vaqueiros, pescadores das lagoas e pondo-os com certo espectaculo de frente de nossas objectivas. Esse processo deu muitas vezes motivo a confundirem, principalmente o professor, que era mais saliente com sua corpulencia e seus trajes de alpinista, com photographos profissionaes. **“Quanto é que faiz meia duzia de instantaneo, seu moço?”** . . . Houve uma lavadeira de Pirapora que queria ir apromptar-se e trazer uma filha moderna para se sentar no chão perto della.

Com tudo isso, a geographia e a reportagem caminharam, não tanto os 15 kilometros, como nós, e fomos aprendendo uma lição contínua até Juazeiro, onde o professor ficou enamorado da caatinga e piscando um olho para o sertão do Piauhy.

Como tivesse apanhado vermes nos desertos do Sudão, ha tempos atraz, porque bebera agua de pote das mãos de um cultivador de algodão, o professor só bebia agua mineral de Lambary, de medo dos vermes nacionaes.

Esse nome, portanto, fôo um dos primeiros que aprendeu, mas, mesmo assim, errado: — Lambári. . .

No vapor, os vaporzeiros, com seu espirito natural de troça, appellidaram-no logo de “seu Lambári” e eram os mais prestimosos auxiliares que nós todos tinhamos na hora de correr matto, casa de barranqueiro e entrevistar a gente ribeirinha.

Seu Lambári era um verdadeiro apaixonado pela sua sciencia e só comprehendia que pudesse ensinar geographia um individuo que nella tivesse fé e nella confiasse para o seu futuro e a sua consagração.

No vapor, elle dava a impressão de maluco a tripulantes e passageiros: de dia, observando, ora de machina e caderno na mão, binoculo a tiracolo; de noite, binoculo e map-

pas escolares de seu paiz, corrigindo enganos de notação astronomica; sacudindo thermometros de hora em hora e abanando-se desesperadamente por causa do calor, emquanto os outros queixavam-se do frio. Elle tirou cerca de 1.200 photographias geographicas do rio e das populações e dizemos geographicas, porque vae consideravel differença entre o amorismo da imagem e a expressão geographica da photographia. Lembro-me bem da nossa discussão, nas corredeiras de Pirapora: eu, querendo photographar duas lavadeiras pretas, de cachimbo na bocca, trabalhando; e elle, insistindo para reunir um grupo onde as varias mestiçagens alli patentes ficassem gravadas. Assim como debaixo da ponte do rio, a collocação da machina foi feita de forma, não tanto para apanhar o bello da paysagem, quanto o typico da vegetação de ambos os lados e a erosão das pedras no leito do rio secco.

O mais interessante era a alegria que se apossava de Seu Lambári quando se apresentava uma paysagem nova, ou um barranco habitado, ou um porto de lenha, onde o vapor permaneceria muito tempo.

Janjão, o commissario, sahia atraz de gallinhas, carne secca e abobora de porco e Seu Lambári, com o spectaculo do enorme corpanzil e bagagem photographica, internava-se no cerrado, comnosco, acompanhado dos praticos e da bahianada da II classe:

— “Ahi tem carrapato, Seu Lambári!” ...

Seu Lambári, porém, que não comprehendera um barraqueiro dizer-lhe que ali havia carrapato “inté nas arve”, barafustou-se pelos arbustos, tocou bois, empurrou a moenda, ajuntou familias defronte dos mandiocaes e ficava no meio delles, para nós batermos todas as machinas, como fez com alguns bahianos de Ibiahy, a caminho de S. Paulo.

Ora, de noite, seu Lambári achou um enorme carrapato dependurado no peito e convocou os passageiros para estudar o caso.

Tentamos tiral-o a unha, mas foi em vão. Appellamos para o commandante, o qual compareceu com um aparelho de “Flit” e “flitou” o peito de seu Lambári, com a competente queda do bichinho. Foi uma festa, de que o prof. Ramans se lembrava:

— “Oh! Carrapato nô bom!”

Si a tudo se ajunta um espirito inalteravel de bom humor e de comprehensão, é facil verificar como este geographo foi o melhor dos companheiros de viagem, util, prestimoso, e o exemplo que poderia ser para a maioria dos nossos professores de geographia, que a consideram como bico, e a memoria de nemes como base de seu ensino. Ainda que se accentuem as excepções que é justo distinguir, algum dos nossos professores sahiria assim, de machina na mão, binoculo a tiracolo e caderno de notas no bolso para estudar uma paysagem ou uma unidade antropogeographica? A resposta naturalmente seria que não.

E tanto mais quanto “Seu Lambári” sahiria da comodidade de seu paiz, do “guidon” de sua Renault e do focalizador de seu epidiascopio para vir a um continente estranho aos seus methodos geographicos ingleses, afim de realizar a expansão definitiva de sua personalidade de geographo. O proprio itinerario já revelava um alto sentido anthropogeographico, pois, apeara no Rio e viera directamente para Barbacena, onde passara 2 dias.

Ora, Barbacena foi o grande pouso dos tropeiros coloniaes e centro de irradiação da vida na Mantiqueira. Mawe chamou-a pitorescamente Barbasinas e Saint-Hilaire, involuntariamente, gabou-lhe as mulatas famosas, nas mãos das quaes os tropeiros deixavam suas parcas economias. Dalli, o prof. Gederts veiu a Bello Horizonte, de onde rumou para o S. Francisco, só viajando de dia, para apanhar photographias do trem.

De cada chapa annotava o numero e as condições de luz e velocidade para que, ao revelal-as, lhes desse os banhos mais convenientes.

Difficilmente, o professorado brasileiro encontraria um methodo tão encorporado ao systema de vida, como offerecia o prof. Rammans. Tudo era um alto thema pedagogico, desde a pelle de cobra de dois metros e meio que lhe arranjamos no Remanso e com a qual passeava no tombadilho, tendo-a sob o braço, como se fosse pasta e dizendo: “imagine os meus alumnos da Universidade, nas aulas sobre o Brasil, iniciando os trabalhos sob a suggestão desta lindissima pelle!” — até as

mais curiosas e concludentes indagações sobre a função das florestas no isolamento das populações, que fora objecto de uma de suas obras sobre a Letonia.

Infelizmente, as considerações que fizer sobre o Brasil serão escriptas em letão e, porventura, perderemos uma excellente lição, pois, ao que nos pareceu, as conclusões que foi tirando nem sempre concordavam com o porquemeufanismo nacional.

Vida económica

I

OS PROBLEMAS DE CIRCULAÇÃO

A passagem pelo S. Francisco começou favorecida pela disseminação de fazendas de gado ao longo do rio, vivendo ahi, desde cedo, numerosos paulistas e bahianos.

Mais tarde, quando correu a noticia da descoberta dos depositos superficiaes do ouro no centro de Minas, houve um grande movimento de massas para cima. Intensificou-se o commercio para a Bahia, onde os potentados do S. Francisco de preferencia educavam os filhos.

D. Maria da Cruz, por exemplo, que teve um filho, Pêdro Cardoso, envolvido em famosa sedição de fazendeiros do sertão, só escapou ao degredo porque duas filhas mandadas para os collegios do Salvador por lá se casaram com pessoas influentes, que promoveram a

amnistia da famosa e virtuosa matrona barranqueira.

O intenso commercio do rio adensou as populações, especialmente na zona do garimpo, provocando frequentes encontros armados entre bahianos e paulistas, cada qual lutando pela posse da terra, em nome de sua capitania.

A navegação do S. Francisco é, portanto, uma das mais velhas do sertão.

A queda da colheita do ouro provocou, nos primeiros lustros do seculo XIX, um movimento de massas na margem do rio, que lhe deu as características que até hoje vigoram: os criadores de gado, então rodeantes das lavras, avançaram para o Norte, reinvadindo as savanas do rio. As zonas seccas e de vegetação xerophila do medio S. Francisco fizeram predominar o gado sobre a agricultura. A criação, por si, isola os habitantes. Os fazendeiros de invernadas têm necessidades restrictas e são mais ou menos independentes. O gado local, adaptado ao typo de clima, come na secca o capim endurecido, a palma santa, o que houver. Ainda hoje, por sobre a vida do rio,

apesar dos vapores, dos telegraphos e dos aeroplanos, sente o observador a marca da "cidade do couro".

Paulistas, no correr do seculo XVIII, plantaram pelos alluviões ribeirinhos algodão e canna de assucar. Hoje ainda, a cultura então periclitante, prosegue, dando o centro fornecedor de cachaça do sertão (Januaria) e regular producção de rapadura.

Entretanto, a carne e as pelles constituem a massa da producção, que se transportava em barcas, desde Sabará até Boa Vista (50 kms. abaixo de Juazeiro), Cabrobó e Jatobá, já ás portas da cachoeira de Paulo Afonso.

Hoje, os vapores já não conseguem subir o rio das Velhas. O rio está raseando, como o proprio S. Francisco.

A estrada de ferro alcançou as corredeiras de Pirapora e desta cidade partem os vapores de varias empresas, distribuindo para o sertão manufacturas e recebendo productos locais, especialmente mamona e algodão (mais ou menos 85 % do transporte).

1.300 kms. abaixo de Pirapora, já em plena zona de leito de pedra, as estações de embarque e desembarque variaram com o tempo. Boa Vista foi o porto de chegada do sul, durante muito tempo. Cabrobó era ponto de embarque para o Sul das rapaduras do Brejo do Cariry, que vinham supprir o sertão do S. Francisco, excessivamente preocupado com o seu gado. E Jabotá era o ultimo porto e tambem o porto do Sal do Norte.

A ligação ferroviaria do extremo do norte constitue um caso typico da obtusidade da politica municipal, sempre que se trata de um emprehendimento de largas consequencias economicas regionaes.

A 120 kms. acima de Juazeiro, em Sento Sé, começam as corredeiras de Sant'Anna de Sobradinho, de navegação difficil para os navios. O imperador Pedro II, chamando a attenção para a necessidade de fazer-se a ligação, constituiu uma companhia que demandou o S. Francisco, via Alagoinha.

Entretanto, como em Juazeiro residia e mandava o conselheiro Fernandes da Cunha,

este conseguiu que a estrada alli terminasse, obrigando os vapores a 120 kms. de pessima navegação. Além do mais, quando é tempo de secca, os rebocadores são obrigados a baldear a mercadoria para embarcação mais leve no Sobradinho, encarecendo e atrasando o transporte e pagando caro os erros da ignorancia municipal.

O problema é tão visivel que, apesar de toda a falta de iniciativa do sertão, esboça-se uma rodovia de Sento Sé para Juazeiro, através da caatinga, que no futuro será a solução preconizada.

Por outro lado, desde J. J. Seabra, se estabeleceu o plano da ligação com o medio S. Francisco, em Barra, que encurtará o transporte enormemente: Ferrovia Reconcavo-Amargosa-Lençoes-Brotas e Barra, com outra linha Amargosa-Ituassú-Caetité-Monte Alto Malhada, que vêm a ser a cobertura da estrada de boiadas dos seculos passados.

Com todos esses percalços, conseguiu-se ligar os dois extremos da navegação ao littoral, por estrada de ferro.

O movimento vitalizador do rio de S. Francisco crea nas terras ribeirinhas, em extensão variavel entre 12 e 30 kms. de largura, enormes alluviões, onde os depositos calcareos facilitam as culturas. Emquanto, porém, não se estudar o problema da irrigação dessa faixa de terra, unica solução para collocar o trabalho agricola em primeiro logar na zona secca do sertão, ficará a agricultura da vasta bacia sujeita ao regime precario das vasantes.

A falta de experiencia collectiva é tão flagrante, que os barranqueiros ignoram processos elementares de producção de força, capazes de facilitar a irrigação. Assim se dá, por exemplo, com a força do vento que, em boa extensão do curso do rio, sopra constantemente, vindo do littoral. Entretanto, não se vê um machinismo popular movido por essa força até agora desaproveitada.

Por falta de afluentes na zona media, o rio baixa de 6 a 7 metros, em menos de um mez. As terras marginaes que elle deixa descobertas podem ser cultivadas e nella se plantam cereaes de colheita rapida — é a cultura de vasante. Depois que se entra no territorio bahiano o rio

é bordado permanentemente pelo verde ordenado das plantações de vasante, ou pela terra nivelada das leiras graciosas. Mas essa produção é de consumo local e não de exportação.

Em Minas, o barranco abrupto não permite plantações, senão raramente.

O gado vem beber agua do rio em longos corredores de sebe, as “mangas”, que dão uma nota caracteristica da paysagem.

Tudo isso, porém, é agricultura precaria e sómente a irrigação provocará a circulação fluvial permanente de cereaes do sertão.

II

O COMMERCIO DO SAL

Um dos caracteristicos das zonas pastoris — e o São Francisco é uma dellas — é de não importarem quasi nada. O poder de consumo das populações que vivem de criação de gado e exportação de pelles é restricto: comem carne demais, vivem quasi segundo o que dá a natureza e não fazem agricultura com objectivo de lucro.

No São Francisco, entretanto, algumas populações se fixaram em torno de primitivos postos de abastecimento de cereaes dos sertanistas. Eram etapas do caminho da exploração, que mais tarde se tornaram cidades e centros de producção agricola capazes de sortir as vizinhanças. Na bacia do alto S.

Francisco esse processo de criação de postos de abastecimento foi apanhado em pleno uso por Eschwege, que conta as explorações do velho Roma, sertanista pratico, na bacia do Abaeté. O velho ia lançando sementeiras em pontos propícios para colher na torna-viagem. A etapa ficava assim obrigatoria e era ponto de referencia do roteiro. Ha, por esse motivo, cereaes no São Francisco, que servem para o consumo proprio e que — principalmente na zona bahiana — não encontram transporte sufficiente para a actual producção. As barreiras fiscaes fazem tambem com que esses cereaes não sirvam como possiveis paliativos da alta de preços de generos de primeira necessidade de que padecemos, por termos vendido nossas safras para São Paulo e Rio.

O que as zonas pastoris importam é o sal, e a sua aquisição constitue realmente a unica preocupação seria dos criadores. No São Francisco esse commercio apresenta circumstancias que merecem exame detido e minucioso.

Apesar do rebanho estar adaptado inteiramente — gado meudo, crioulo, pé duro —

não pode dispensar o sal. E' frequente o viajante encontrar pelos barrancos, especialmente abaixo do Urubú de Cima (Rio Branco) grupos de rezes lambendo o barranco insistentemente. Em alguns lugares, nas locas que elles fazem com a lingua cabe uma criança. Um cavalheiro que merece todo o meu acatamento informou-me que, em Goyaz, os bois fazem cavernas com a lambeção. Ahi está uma architectura que só vendo pessoalmente para acreditar...

A razão de semelhante phenomeno está em que o rebanho é criado selvagem. O preço do boi é quasi que o preço de sua caça e transporte. Outra razão é que, não recebendo o sal da mão do criador, o gado descobriu que o rio de São Francisco o tem nas margens, até Juazeiro, proveniente talvez de depositos calcareos do Salitre. Aliás, havia e ha um pequeno commercio com esse producto que era vendido em boas condições.

“O sal é transportado em canôas isoladas ou em jangadas, formadas pela reunião de canôas por meio de planchas de madeira, cons-

tituindo uma barca unica — explica Eschwege. As canôas e jangadas são tocadas a vara e a remo. Cada canôa transporta mais ou menos 300 pequenos saccos de sal, de 24 libras cada um, e a jangada 1.500. Depois de muitos trabalhos e soffrimentos chega-se finalmente ao arraial da Manga, ahi vende-se a canôa e a carga e volta-se por terra ao ponto de partida, frequentemente com um lucro consideravel, porém as mais das vezes o capital ganho é perdido no jogo de cartas e de dados, de que ahi se usa loucamente, ou esbanja-se de qualquer outro modo, porque ainda é muito baixo o nivel moral destas localidades, onde dominam todos os vicios e não são raros os homicidios”.

Mas, a producção local não satisfaz. Os criadores pedem sal do Norte e de lá vem então a massa de importação dos fazendeiros. A principio, foi Jatobá o porto do sal. Hoje é Juazeiro quem suppre o sertão.

Porém, o sal é frete barato e corroe os porões dos navios a vapor, que são chapas de ferro facilmente enferrujaveis pela humidade.

As varias empresas que vão até Juazeiro voltam com seus navios correndo o perigo da cachoeira do Sobradinho e não se expõem a abarrotar os porões com carga barata, damninha e deficitaria.

A Cia. Mineira de Navegação carrega sempre de Juazeiro 80 % de sua praça em sal. Nos cinco primeiros mezes transportou para cima cerca de 524.960 kilos de sal, que, entretanto, não representam senão fracção dos pedidos (1936).

O que acontece então, é que as barcas a vela, as famosas barcas de varejão e panno, encontram no transporte do sal uma das bases de sua permanencia e uma fonte magnifica de commercio. Não correndo os riscos dos vapores, nem por excesso de calado, nem por ferrugem porque têm fundo de madeira, nem por despesa porque podem impôr preço de frete, essas barcas constituem um elemento precioso no conhecimento do commercio do sal e perpetuam um typo de vida absolutamente regional na grande extensão do S. Francisco.

O sal do Sul, especialmente da costa fluminense, começa a fazer concurrencia com o

do Norte. Por ser de qualidade inferior e por estar separado do sertão do São Francisco por mil kilometros de ferrovia, não ensombrará tão cedo o sal do Norte, que vem por agua e é melhor. Entretanto, já de Pirapora têm partido algumas centenas de toneladas de sal fluminense para Paracatú, Jãnuaria e desta para Goyaz.

Paracatú importa por agua, porque é mais barato, e exporta por terra o gado criado, pela Oeste de Minas. Por isso mesmo, seu commercio está entravado pelas difficuldades de navegação. Com excepção dos productos de necessidade urgente, tudo o mais vae por Pirapora, especialmente o sal de seu enorme rebanho.

Essa região também fica, pois, á mercê das cheias e das vasantes e, como é zona pastoril, pouco produz. Os vapores sobem os rios com sal — que não vale nada como transporte — e voltam vasios.

O transporte em uma companhia do governo, portanto, nem sempre pode ter por objectivo lucro commercial e o exemplo do sal,

quer de Pirapora para Paracatú, quer de Juazeiro para cima, deverá constituir um motivo de providencias administrativas de Minas e Bahia capazes de obviar a quaesquer reclamações que porventura tenham sido feitas, ou ainda venham a fazer-se.

III

A COMPANHIA MINEIRA DE NAVEGAÇÃO DO S. FRANCISCO

A Companhia Mineira de Navegação creada por ocasião do governo Mello Vianna, apesar da juventude tem soffrido altas e baixas em sua administração, que se explicam por duas causas principaes, dentre outras menores: (1) de ordem interna — administração incompetente e frota inadequada; (2) de ordem geral — inexistencia de uma politica correlata entre a propaganda de methodos agricolas e incremento da producção e a adequação do transporte a essa politica de producção.

Assim, por exemplo, a actual administração se empenha em crear, em larga escala, centros de producção de algodão e de mamona no valle do São Francisco e essa campanha está

produzindo resultados. A população ribeirinha está comprando um pouco mais de manufacturas, porque tem o que vender a bom preço para o sul.

Entretanto, houve administrações da Navegação que deixaram cargas de productores mineiros esperando nos portos, de Manga para cima, porque, esse transporte dava pouco dinheiro e era preferivel carregar os navios da Bahia. Os productores mineiros que esperassem.

Evidentemente que essa disparidade entre os varios órgãos do mesmo governo, cada qual caminhando em um sentido, só poderia trazer prejuizos, como trouxe, até pouco tempo atrás.

Manifesta-se agora na zona mineira uma satisfação caracteristica: os productores têm transporte garantido, pois, a Companhia despacha navios especiaes para transportar as mercadorias mineiras para Pirapora, fazendo-o com a efficiencia que demonstra o quadro seguinte, referente ao mez de junho ultimo, que é mez de secca, aliás:

Procedencia	Algodão	Mamona	Diversos
	Kilos	Kilos	Kilos
Manga	89.445	29.290	0
Itacaramby	0	0	90
Januaria	0	0	8.260
M. da Cruz	65.038	0	8.300
M. da Cruz	122.058	0	0
S. Francisco	44.325	15.000	0
S. Francisco	0	6.000	0
São Romão	0	0	5.082
Ibiahy	1.060	0	300
Total	<u>321.926</u>	<u>50.290</u>	<u>22.032</u>

A base do transporte, cerca de 91% da produção, é de algodão e mamona. Através dessa nova orientação economica, os vapores mineiros correspondem aos fins para que foram postos a funcionar e a administração prova harmonia nos seus varios ramos.

Os navios de horario — 3 por mez — des-cem com manufacturas, principalmente para a zona bahiana e alguns com um pouco de sal e de lá trazem algodão e mamona, que toma-ram em lugar de pelles e manufacturas deixa-das em Juazeiro.

No momento, a frota mineira está dando conta do recado. Convem, entretanto, assi-

gnalar a sua inadequação ao rio. Os maiores vapores — “Halfeld” e “Raul Soares” — só navegam 4 a 5 mezes no anno, por excesso de calado, e os pequenos, comprados um pouco a esmo, nem todos estão dentro da medida do rio.

O governo continua a incrementar a produção de algodão e mamona. Não tardará o dia em que a frota será insufficiente e a administração dará uma prova da falta de visão, se não providenciar desde já pela aquisição de mais vapores leves e baratos. Esperar que se estude o regimen do rio é desconhecer a lentidão desse problema.

Pirapora, que é a séde sul da navegação do São Francisco, está se tornando, assim, o centro irradiador da economia do rio. De lá partem, carregados de objectos manufacturados, os vapores de varias companhias. Com pezar, eu vi toneladas de caldeirões e panellas de ferro sabarense enchendo os porões e matando irremediavelmente a ceramica ribeirinha tão original. Os tecidos mineiros e cariocas, a cerveja paulista, tudo isto sahe de Pirapora para Minas, Goyaz (por Januaria), Ba-

hia, Piauhy (pelo porto de Remanso), e Pernambuco, por Petrolina. Pirapora fornece o sertão do S. Francisco, delle recebendo quasi tudo, excepto as pelles, que têm seu mercado tradicional em Juazeiro. Só a Mineira transporta uma media de 250.000 kilos mensaes de productos manufacturados para o sertão.

A capacidade de producção augmenta em proporção directa da segurança e regularidade de transporte, cousa a que a Companhia Mineira nem sempre pode offerecer a seus freguezes. Se o governo quer ver a producção de cereaes augmentada — no momento ella é zero — garanta transporte immediato na zona mineira.

Dahi, entretanto, para dizer que o São Francisco se transformará, a partir de tal providencia, no celleiro do Estado, ou, se quizerem, do paiz, vae uma distancia que não serei eu quem vá avalizal-a para o leitor. Outros sonhadores que mettam hombros a essa empreza e lancem mais uma vez a confusão e o romantismo sobre um problema objectivo de economia que só tem sido estudado sob o ponto de vista da lua ou dos jacarés...

Vida dos Homens

I

OS BARQUEIROS

Todos os leitores por certo saberão trau-tear a canção dolente dos barqueiros do Volga, que o rádio, o cinema e as vitrolas popularizaram.

A divulgação dos duros trabalhos desses barqueiros — que é arrastar com um cabo, pelas margens, as barcas rio acima — é tão accentuada que, quando alguém quer comparar um serviço pesado qualquer com o máximo conhecido, cita logo os martyres do rio russo.

Pois bem. Quando quizerem fazer uma comparação nacionalista, citem os barqueiros e marinheiros do São Francisco. O que acontece a esses prisioneiros do rio desconhecido é que elles são explorados sem propaganda. De-

pois, o gosto ainda é citar os de fóra, porque a distancia os prestigia.

Ser marinheiro de vapor no S. Francisco vale 3\$000 por dia, casa e comida. O trabalho é duro e deixa o dos barqueiros do Volga num chinelo.

Elles puxam o vapor com o cabo pelas margens, durante kilometros de rio acima. Isto acontece ao subir as corredeiras de Sant' Anna do Sobradinho.

O governo federal mandou abrir um canal nas pedras para facilitar a passagem. Com isto, a correnteza ficou muito forte. Na descida, na vasante, os vapores descarregam e descem vasios. Um erro minimo de direcção e os porões são furados de encontro ás rochas do leito federal.

Na subida, os vapores não têm força para aguentar a correnteza. Jogam-se cabos á margem. Os marinheiros saltam em terra e toca a puxar o vapor. E' o que fazem os celebres collegas do Volga, com a admiração mundial.

Os nossos fazem mais. Quando o navio vae subindo e começa a encontrar os bancos

de areia innumeraveis que entopem o canal com o auxilio de paus de todo genero, os encalhes são quotidianos, o mesmo succedendo na descida.

Desde que o navio repouse sobre o banco, os marinheiros saltam na agua, agarram a ancora á mão — 250 kilos — e carregam-n'a aos hombros até que a agua não dê pé. Soltam o ferro no leito, dois marinheiros o fixam com duas varas, e os outros voltam para bordo. Começa então nova trabalhadeira: é enrolar no guincho o cabo ligado á ancora. Como esta fica presa, é o vapor que caminha até ella, desencalhando e recomeçando a navegação. A marinhagem faz isto troçando e se a gente soubesse que esse esforço tremendo é compensado por alimentação impropria (farinha, rapadura e carne) e que taes individuos são devastados pelas doenças venereas, ninguem mais falaria nos longinquos miseraveis do Volga.

Mas ha outra classe de marinheiros mais explorados do que os primeiros: são os remeiros das barcas particulares.

Essas embarcações são originaes do rio. Calam pouco, carregam 30 a 40 toneladas e são cobertas de folhas de carnauba. Antigamente, quando a navegação do rio era feita só com este typo de embarcação, os ricos tinham barcas particulares, com toldos de couro bordado e cortinas. Numa dellas subiu presa d. Maria da Cruz, quando o governo de Villa Rica mandou ao arraial das Pedras um juiz para, como disfarce para deter a fazendeira, ouvir a sua comadre Claudia Soares, que não era das barranqueiras mais virtuosas da nossa historia.

Tocadas a vela quando ha vento, são impulsionadas no resto do percurso de subida a varejão. Têm, em geral, entre 10 e 24 homens de varejão, cujo trabalho começa ás 4 da manhã e acaba ao anoitecer. Não viajam á noite. Assim que escurece, aportam ao barranco e se faz o jantar. O homem de vigia é obrigado a sustentar o fogo, renovar a agua do caldeirão de feijoada e retirar a agua da barca. As barcas fazem agua constantemente pelas juntas dos porões. De madrugada, comem a feijoada, ás vezes com arroz, e vão para o vare-

jão. Ao meio dia, param meia hora e comem a jacuba, que consta de uma mistura de um quarto de rapadura e farinha á discrição. De noite é o jantar.

Ora, o varejão no principio faz uma chaga enorme no peito do remeiro. Elle pega, então, um pouco de toucinho quente e o derrama sobre a carne viva. Formam-se ali callos pretos e horriveis, que são como duas condecorações no peito desses infelizes. Ás vezes, como eu vi, o callo se racha e a gente enxerga em baixo a carne viva latejando.

Pois bem. Um remeiro ganha de 80\$ a 100\$ por viagem inteira e como uma barca leva em geral 60 dias de Juazeiro a Pirapora, calcule o leitor o preço desse braço e me diga onde ficaram os demais barqueiros do planeta...

Em um porto de lenha, a 6 horas de Juazeiro, encontramos uma barca, com 43 dias de viagem de Juazeiro. Como era noite, os remeiros estavam deitados. Mas dormem ao relento em esteiras por elles chamadas de

sofá de arrasto, em redor do tripé da feijoada. Um delles veio mostrar-me a barca, onde o mestre dormia.

Na prôa, alem do murundú, manda a tradição collocar uma figura que é um mixto de careta de homem, corpo de animal, com apparencia de dragão. A este remeiro contaram-lhe que a figura é comprada em um sacco e quem a compra não quer ver o que comprou senão depois de chegar em casa. Não encontrei confirmação desse curioso mercado de tabús.

A figura de prôa é a garantia do barco. Com toda a sua feiura ella dá tres gemidos quando a barca vae afundar. Talvez por isso os remeiros sejam os homens mais despreocupados, bohemios e ignorantes do São Francisco. Desde que haja uma mulher para ouvir-lhes as bravatas, ainda que seja um "couro" de terceira, o resta se arranja.

Ou então, que dêem um geito de passar perto de outra barca ou de um vapor. Os cumprimentos regulamentares dos que transitam nessas embarcações é lançarem-se em

rosto, entre estrepitosas gargalhadas, os mais sujos, immoraes e indecentes desaforos.

Depois que a gente encontra duas barcas, e não ha senhoras perto, o leitor comprehende o prazer dessa cortezia á moda portugueza...

II

OS BARRANQUEIROS

A' margem do rio de S. Francisco apparecem aqui e acolá as casinholas dos moradores ribeirinhos, empoleiradas nos barrancos pittorescos em Minas e rodeadas de plantações de vasante no territorio da Bahia. São os barranqueiros, typo de ribeirinho da região, cujo padrão de vida é modelado pelas condições especiaes do rio de S. Francisco.

Os barranqueiros vivem isolados demais uns dos outros para, com as culturas de suas terras, sanearem as margens das febres. Elles são as victimas eternas dos anopheles. Por esse mesmo motivo da falta de convivencia, são de um atrazo espantoso, falando uma lingua deliciosa de erros e principalmente de anachronismos. A José Serra Pau, barran-

queiro trabalhador dos arredores de Ibiahy, perguntei se ia á povoação por terra e elle respondeu, apontando o rio: — “Essa é a estrada que nós **transata!**”

O rio, com seu regimen de perigoso devastador de barrancos, impõe as condições de moradia: o barranqueiro móra miseravelmente em casa de pau a pique, em companhia de barbeiros, em um ponto a que as enchentes estão scmpre chegando. Pode-se tambem acceitar que a casa é ruim porque não lhe pertence. Mas, se em Minas o regimen commum é a meação ou a terça, já na Bahia é muito frequente o proprietario do barranco morando mal. Quer dizer, não é só o rio que empobrece a casa do barranqueiro, é a sua mentalidade tambem.

O ribeirinho come carne de sol, farinha, com a qual fabrica enormes e brancos beijús, e, ás vezes, planta aboboras. Mas essa é comida de porco e vaporzeiro.

Barranqueiro não se abaixa.

“E se em um ou outro lugar se acha uma familia pobre — dizia Eschwege, no fim da

“Pluto Brasiliensis” — em um rancho miseravel, vivendo só de peixe á margem do S. Francisco, ou; distante delle, de alguma rez ou de uma plantaçãõ de milho, — antes que de se prover de alguma cousa, é ao contrario o viajante que lhes deverá fornecer alguma farinha ou feijão para o seu sustento. Afastada do trabalho pela sua pobreza e miseria, e mais do que tudo por uma preguiça espantosa, esta gente só encontra prazer no balançar da sua rede que deixa somente obrigada pela fome, a procurar algum alimento com a venda de um pouco de peixe ou de caça. Sem se preoccupar do dia seguinte, não se dá ella sequer o trabalho de abrigar o seu rancho contra a chuva e o vento, ou de procurar alguma outra commodidade. Na margem do S. Francisco encontramos um desses pobres homens, a cujo rancho a nossa hospede tão gentil (d. Joaquina do Pompeu) havia enviado antes alguns escravos, não só para nós tirar algum peixe, como para, em uma canõa grande de sua propriedade, nos fazer passar o rio, já ahi bastante caudaloso, com quasi 600 pés de largura. Á nossa chegada encontramos logo um grande

surubim, de que comeram 20 pessoas, e sobrou um bom pedaço para o almoço do dia seguinte". (Trad. Jacob, 138).

Uma industria lucrativa para os ribeirinhos é a de vender lenha para os vapores. Elles cortam a madeira e a alinham no barranco por metros cubicos. O preço varia de 2\$500 a 4\$000 o metro.

Com esse dinheiro compram um pouco das mercadorias que as barcas passam vendendo, especialmente rapadura, cachaça e sal.

Quando quer, o barranqueiro vae pescar. Aqui, insisto em affirmar uma cousa que causou especie a alguns: por mais que o rio de S. Francisco tenha peixes e por mais que se vejam barranqueiros pescando, não ha peixes á venda senão raramente, ou nos mercados semanaes das povoações. A Cia. Mineira de Navegação compra bacalhau para abastecer os seus vapores.

O ribeirinho pesca para consumo proprio, usando de varios processos. Ora, é de anzol, como nós pescamos no sul. Ora, é de arribada: lança-se a isca e se vae remando mansamente rio acima para attrahir os peixes. Ora, é de

rêde de arrastão. Entretanto, o mais original é a pesca de “groseira”. Chama-se a isso amarrar a linha em uma cabaça, repousando a outra extremidade no leito do rio, com uma pedra. O anzol fica no meio, com a isca. Ligam-se ás vezes, dezenas de cabaças, que ficam amarradas ao barranco ou ao paquete, que é como o barranqueiro chama orgulhosamente á sua canoa.

O peixe assim pesca-se a si mesmo, porque, ao ser fígado, reage e puxa a cabaça para baixo; esta tende a voltar á tona. Fica o peixe lutando com ella até cançar. De longe, o barranqueiro está de cocoras, apreciando o movimento, até que vem buscar o peixe embahido com o aparelho genial, que lhe permite modorrar...

Alguns barranqueiros mais activos plantam canna. O forno da garapa é cavado no proprio barranco e se chama “rebaixa”. Mais adiante, na Bahia, quando os carnaubaes invadem as margens, apparecem então as casinholas onde se batem as folhas de carnauba, para obter a cêra em pó.

Se o rio lhe fornece a via de comunicação e a vida, entretanto, vive a perturbal-o com sua agitação mysteriosa. Não ha gente que esteja mais cheia de lendas sobre bichos d'agua do que esses barranqueiros. Ha no seu espirito uma mistura de devoção pelo Bom Jesus da Lapa, pelo Divino de Januaría com o temor das cousas mal assombradas, cousas do Caboclo d'agua e do Cumpadre, que vivem quasi que em commum com elles e aos quaes os barranqueiros mais valentes captivavam dando pedaços de fumo pela noite a dentro.

Por outro lado, o rio enche o espirito do barranqueiro da idéa de instabilidade. Demole-lhe as casas bruscamente. Baixa depressa e larga immensas "corôas" descobertas, na areia das quaes o barranqueiro pescador se installa dias inteiros com a familia. Para isso constroe uma tenda selvagem, coberta de "pelle de gado" e a essa habitação chamam de "boi". A familia inteira dorme alli, ao relento, sob a humidade das emanações fluviaes da madrugada. Feito o pescado, secca-se o peixe, que vae servir de reser-

va ou de mercadoria no commercio proximo. Ao suruby secco chamam, por imitação do bacalhau, de “surubilhão” e o gosto em verdade que é agradável, apesar de o peixe ser posto a seccar em uma salmoura fortemente apimentada.

Em Remanso do Itacaramby, Minas, visitei uma familia de barranqueiros.

— “Que é que planta?”

— “Um de tudo, seu moço...”

Um de tudo queria dizer mamona, mandioca, milho e feijão.

Na Extrema do Marinheiro, abaixo de Rio Branco, internei-me dois kilometros pelo matto, atraz de uma casa de barranqueiro. Por toda parte onde passámos havia ruinas e arvores “mansas”. Era, no momento, um lindo jardim de “savannah” com frondosos joazeiros espalhados.

Ha dois ou trez annos atraz, alli existia um commercinho e uma fazendola, com muitos aggregados. O rio encheu, tomou as casas. Os aggregados sumiram em parte para os geraes; outros foram para S. Paulo.

Miseravel, semi-nú, rodeado de creanças e de bodes, só ficou um casal, abrigado em uma casa meia comida pela agua, através de cujas paredes a gente percebia um arreio dependurado, nacos de carne de bode, duas esteiras e um tripé.

A vida do barranqueiro é assim...

III

OS LADRÕES, OS ANARCHISTAS E OS DONOS DO RIO

Os ladrões introduziram a civilização no Rio de S. Francisco. Ha na praça da Estação de Bello Horizonte um homem que pratica o nudismo em homenagem á civilização mineira. No sopé do monumento ha varias allegorias celebres, não faltando um pouco de grama em baixo. Estão ausentes apenas os acatados delinquentes que levaram até o sertão as doçuras da vida branca, sua technica e sua mentalidade. Eu me proponho rehabilital-os.

Quando o Padre Navarro varou o sertão, em 1554, encontrou no São Francisco uma multidão de raças differentes de indios rechassados do litoral, que ali se refugiaram.

Com o tempo os escravos fugiam do litoral e vinham acolher-se entre elles. E os criminosos, esquivando-se á justiça portugueza, eram recebidos de braços abertos, porque traziam experiencia de muitas cousas uteis aos indigenas.

Dahi se organizavam bandos de ladrões, que depredavam as tribus mansas, as fazendas e o proprio litoral.

O rio começava a civilizar-se, portanto...

O governador geral, impressionado com a anarchia reinante na unica via de communição facil com as terras do Sul, concedeu a Antonio Guedes de Britto a provisão de Regente do Rio, com posse sobre terras de 960 kms. de extensão nas margens.

O Regente, com um pequeno exercito, dominou a anarchia e começou a organizar o feudo pacificado; mas a morte o interrompeu. O rio cahiu de novo na desordem, a matança e a ladroeira recommçaram, os soldados desmandaram e a civilização branca voltou a ser orientada pelos facinoras.

Em vista de semelhante desordem e do vehemente appello do Norte contra os excessos dos indios, o governador geral convocou uma junta de theologos de sua confiança, os quaes deram um accordão, considerando esses indios escravisaveis.

O velho Mathias Cardoso convocou, por seu lado, a parentalha, organizou um exercito de 1.200 homens, fundou arraiaes de abastecimento — um com seu nome — reduziu a indiada e pacificou em parte o rio.

A descoberta do ouro em Minas despoovou as fazendas dessa gente. O rio era a passagem de todo o ouro legal e contrabandeado para a séde do governo da Bahia: “de alto a baixo ficou infestado de bandidos — disse o historiador — que, unindo-se aos indios, em cujas aldeias achavam abrigos e pontos de partida, surprehendiam e pilhavam os transeuntes, atacavam e matavam os portadores... os salteadores tinham commissarios na Bahia ou nas Minas, que lhes transmitiam avisos”...

O coronel Januario Cardoso de Almeida, filho de Mathias, recebeu a incumbencia de

acabar com a anarchia e o fez com o auxilio de um conceituado criminoso Manoel Pires Maciel, que com elle fundou S. Romão e Januararia. Um ladrão decente como esse devia figurar na geringonça da praça da Estação.

Em S. Romão, Maciel acabou com uma aldeia cayapó com grande matança. Para maior gloria do dia — que era de S. Romão — a povoação recebeu esse nome.

Em Tapiraçaba — ao depois Januararia — Maciel, com aggravante da noite e da surpresa, arrazou uma taba de indios, o chefe dos quaes verificou depois ser o pae de uma india que lhe dera um filho e que o açoitara. Mas elle era um réo foragido ás direitas e casou-se com a menina e fundou um povoado e foram muito felizes. Este caboclinho, mais tarde, por seu prestigio na zona e sua actuação ao lado do governo, passou para a historia.

Januario fundou muitos povoados reedificando o de seu pae (hoje Morrinhos) e, segundo o velho direito, esses povoados eram propriedade particular dos fundadores, passando para os herdeiros. Elle creou, com isso, os donos do S. Francisco, typo de proprietario

politico que ainda hoje está funcionando no rio e que parecia á primeira vista inexplicavel.

Nessa extensa região ribeirinha dominam em muitas terras verdadeiros donos do lugar. Em Carinhanha, ha o Duque, que, ha uns 15 annos atraz, botou centenas de caboclos em canoas e atacou a cidade de Bom Jesus da Lapa. Em Morpará, ha um grande proprietario do lugar que não permittiu que no logarejo se fizessem casas senão de adobo ou de pau a pique.

Em Pilão Arcado, é dono o famoso coronel Franklin, que combateu com sua gente o coronel Leobas, tomou-lhe as terras e o expulsou para Goyaz. Depois, entrando com um pequeno exercito na cidade ribeirinha de Remanso, arrazou com seus inimigos e dispersou parte da população. Ella desceu o rio e fundou duas ou tres povoações, que augmentam com os refugiados das enchentes. Para uma dellas, encarapitada no barranco, acharam, o nome delicioso de Bem-Bom.

Mas, o coronel Leobas prometteu voltar. Ha trez mezes atraz, correu a noticia de que

elle vinha de Goyaz para tomar o Pilão Arca-
do. O governo da Bahia mandou um bata-
lhão da policia garantir a gaita no Pilão.

Em Sento Sé, é dono o coronel Janjão, o
unico homem que tem laranjas no municipio
e que avisou o coronel Franklin que não se
metta na sua terra. O governo tambem já
levou suas escaramuças por alli.

Ora, esse typo de dono do rio de São
Francisco é, no fundo uma criação do direito
antigo e uma consequencia da anarchia e do
banditismo reinantes na região.

Se os ladrões, directa ou indirectamente,
provocaram a civilização no planalto san-
franciscano, porque agora somente os ho-
mens serios serão glorificados?

Os piratas do S. Francisco merecem re-
commendação para a posteridade e sobre suas
transgressões já pode correr prescripção.

Vida das Cidades

I

CIDADES VIVAS E MORTAS

As cidades que bordam as margens do rio de São Francisco offerecem ao observador o espectáculo interessantissimo das agglomerações de origem pastoril, que têm a sua importancia constantemente exaggerada. Isso faz parte da mentalidade geographica que domina nas regiões em que o gado é que determina a distribuição das populações.

As do sertão sanfranciscano correspondem ás etapas da viagem longa e incerta, ou aos postos de abastecimento dos antigos sertanistas; e, destoando da regra geral, Bom Jesus da Lapa tem sua origem no milagre.

Desde que se pise na areia intransitavel de Pirapora, o ar se enche da fama das cidades. Muitos viajantes, que não levaram em

conta esse phenomeno puramente geographico, deixaram-se enredar, trazendò para nós do sul uma serie de informações eivadas pelo sello da mentalidade pastoril. Aliás, é realmente difficil negar a influencia que exerce em nosso espirito o renome secular do Bom Jesus, ou a fama justificada da cachaça de Januaria, que é bebida desde a linha imaginaria do Equador até a foz do Arroio Chuy. E a fama do Santo é tal que, em agosto de cada anno, abala-se para a Lapa uma multidão de “brabos” de toda parte, e tambem de S. Paulo, de onde trazem esmolas e trachoma para o sertão.

Entretanto, observando-se as cousas com espirito critico liberto dessa pressão geographica, o que apparece é uma massa de cidades rarefeitas, de producção limitada pelas difficuldades de transporte e pela paradoxal falta d’agua das culturas ribeirinhas; de poder acquisitivo pequeno e inferior capacidade tributaria.

Illustremos a affirmação com um pouco de estatistica municipal. As cidades minei-

ras do S. Francisco organizaram para o anno de 1936, os seguintes orçamentos:

Pirapora	130:600\$000
São Romão	47:900\$000
São Francisco	120:000\$000
Januaria	239:700\$000
Manga	41:280\$000
Paracatú	194:400\$000

Na Bahia, os dados obtidos referem-se á renda arrecadada em 1934, assim discriminada:

Barra	94:034\$000
Carinhonha	32:500\$000
Casa Nova	24:100\$000
Chique-Chique	41:300\$000
Joazeiro	243:200\$000
Lapa	29:600\$000
Pilão Arcado	17:400\$000
Remanso	51:600\$000
Rio Branco	39:800\$000
Sento Sé	11:050\$000

As cidades sédes desses municipios não têm serviço de agua. Pirapora tem alguns encanamentos, mas lá, como nas outras, a agua

vem do rio, carregada em pipotes no lombo dos jegues, ou em latas, na cabeça de uma multidão de mulheres, que enchem as ruas com o colorido roceiro de suas vestes e o alarido de suas intermináveis conversações. Luz existe parcamente em duas ou trez das mais importantes, inclusive Juazeiro, onde funciona até 23 horas, e Bom Jesus da Lapa, por via de uma doação parochial para a compra de uma caldeira de vapor.

O que essas cidades oferecem de interessante é a architectura do pau a pique, com suas paredes que desafiam a gravidade e a engenharia. O que nellas desperta a curiosidade são as innumerables rotulas de madeira, ora em S. Francisco, ora em Carinhanha; são as feiras vivazes dos sabbados, o transito ininterrupto de moradores dos brejos que vêm trazer seus productos, levando em troca manufacturas.

Si algumas cidades, principalmente as de Minas, estão florescentes e apresentam produção agricola cada vez maior, devido a uma politica de animação das culturas de algodão e de mamona, por outro lado ha cidades que

estão se fechando, como Rio Branco, por exemplo. As horas que passei no antigo Urubú de Cima, caminhando entre casas bonitinhas inteiramente silenciosas, sentindo a desolação do commercio e o desanimo da arraia miuda, deram-me a penosa impressão de vêr uma cidade se fechando para o almoço, como uma casa commercial. Varios commerciantes e habitantes do logar, com quem entretive cordial palestra, informaram-me de que um terço pelo menos das casas da zona pobre remettera seus moradores para São Paulo. Na parte mais rica, uma casa e outra fechadas estão indicando que a febre migratoria generalizou-se. No largo principal, num mastro, havia uma inscripção — Viva os rapazes! — com a qual a cidade agradecia a animação que os moços lhe deram em festa recente.

Ha, pois, que ver, ou melhor, que rever os juizos que se têm feito sobre as cidades do S. Francisco. Ellas são inegavelmente de um profundo interesse historico. Constituem os commercios importadores da região. Realizam um papel economico essencial na vida do sertão. Entretanto, para dahi chegar a affir-

mar cousas exaggeradas a respeito de sua importancia, vae um passo um pouco arriscado para o informador honesto que deve ser o reporter. O erro em que se têm incidido provem de um engano geographico perdoavel, tanto mais quanto é perfeitamente comprehensivel. As mudanças das viagens, ainda que sejam para o calor excessivo, as incommodidades e a ameaça de febres do S. Francisco, nos primeiros dias, excitam e multiplicam a sensibilidade do observador. Essa circumstancia e o engano de vir julgar de longe as cousas da região, com o espirito pastoril que nellas domina, esquecendo-se de que esses criterios são regionaes, constituem elementos indispensaveis de que o observador deve despojar-se, ao classificar as impressões daquelle attrahente sertão. Depois disso, então, poderá pedir sua admissão na Sociedade dos Amigos do Rio de S. Francisco, recentemente fundada na Capital de Minas.

II

A LAPA DO BOM JESUS

Uma das raras elevações da planície monotona do S. Francisco tem uma formosa gruta, onde a tradição encontrou fundamentados vestígios de milagres.

Ha seculos que a fama do Bom Jesus poderoso que nella assiste attrahe romeiros de todo o sertão do Norte e do Sul.

Annualmente ali se realiza a festa do padroeiro, que congrega uma massa de "brabos" constitutiva do maior espectaculo do sertão.

O santuario é a propria gruta, cuja entrada foi fechada por uma porta de madeira. A gruta não é maior de uns 50 palmos e as nossas dos arredores de Bello Horizonte e de Pedro Leopoldo, serão porventura mais interessantes.

Iluminada a luz electrica desde o anno de 1935, a cavidade da base do morro tem um aspecto realmente suggestivo e, como está completamente isolada no barranco e visivel a muitos kilometros a jusante e a montante do rio, justifica-se o renome especial que adquiriu. Além disso, desde 1696, um monge milagreiro para ali se transportou em penitencia, transformando a gruta em ponto de convergencia de fieis, peão dos sertanejos e base de um grande culto ao Bom Jesus.

Rocha Pitta, em 1724, assim descreveu a gruta, com seu vocabulario gongorico, que hoje nos sôa tão mal:

“E’ fabricada esta lapa prodigiosa, de natural estructura, em forma de um perfeito templo, com capella mór e collateraes... mettidas nas fortissimas paredes, as quaes com primorasas columnas sustentam em competente altura a pesada machina da sua abobada... com uma varanda descoberta de cincoenta palmos por onde penetrando a luz lhe faz todos os logares claros... com uma porta igual á de uma cidade e por maior assombro e prova de que esta mysteriosa lapa estava

destinada para templo catholico tinha pendente do tecto um sino de pedra... e ao lado o instrumento que o toca, tambem de pedra”.

E o guia da Egreja, do padre espanhol Turibio Villanova Segura, não menos gongorico em 1936, accrescenta:

“Morro maravilhoso, gigante oração de pedra que da terra se levanta ao ceu, cathedral gothica com suas torres, agulhas e campanarios, cofre gigantesco, sellado pelo arcano até a vinda do Monge que o encheu dos thesouros da fé. Morro, que se ergue magestoso em meio da planicie verdejante como a mesa de um altar no retabulo do firmamento, que ostenta um cruzeiro de estrellas como uma joia que encerra a perola da sagrada imagem do Bom Jesus da Lapa”.

Nas abobadas do santuario havia algumas estalactites pendentes, que lhe serviam de gracioso enfeite. Com o tempo, algumas cahiram e o vigario mandou colher duzias dellas pelos arredores, afim de que sirvam de sobresalente. O visitante nota facilmente que ellas foram presas ao tecto com cimento, o que causa impressão de que vão de um mo-

mento para outro despencar, com a vibração piedosa das novenas cantadas que o padre puxa com sotaque estrangeiro...

Agora, na primeira quinzena de agosto, a Lapa estará regorgitando de fieis. Nessa ocasião, por sobre a massa dos romeiros, concorrem duas outras multidões: uma de pequenos commerciantes e de jogadores e outra de innumeraveis mendigos.

Tendo passado por lá um mez antes da festa, pude ver a cousa impressionante que é o desfile pelos pobres, sentados, agachados, deitados, rastejantes, gemebundos, portadores de todas as doenças e deformidades, que mandam crianças perseguir o transeunte para esmolas.

Assim cae a noite, e as noites do sertão são muito agradaveis, deitam-se elles pelas calçadas, as mulheres acocoram-se pittorescamente umas atraz de outras, em pequenos grupos, e o visitante caminha pelas ruas estreitas entre corpos cahidos e estranhos, de onde partem roncões e gemidos. Tem-se a impressão de um desregramento da imaginação.

Todo mundo deixa uma esmolinha para o Bom Jesus, no cofre especial, e um adjectorio para os pobres, na caixa do centro. Quando termina a festa, uma commissão de notaveis do logar abre esta ultima e distribue equitativamente os donativos dos romeiros.

Os pobres recebem geralmente de 15 a 20 contos. A imagem, de 80 a 200 contos.

Os sertanejos que são devotos do Bom Jesus e não podem ir pessoalmente agradecer-lhe mercês alcançadas do ceu por seu intermedio, mandam-lhe dinheiro em cabaças fechadas, que jogam dentro do rio.

Os mateiros da zona do Abaeté e do Alto S. Francisco são useiros e vezeiros nesse pittoresco processo de remetter dinheiro para o Santo. E o curioso é que os ribeirinhos respeitam muito o dinheiro das cabaças do Bom Jesus. Quando encontram essas cartas sem valor declarado registradas pelo S. Francisco, abrem-nas por curiosidade e, verificando que são do Santo, fecham-nas outra vez respeitosamente e as lançam na corrente.

Elles supõem que, na Lapa, ha uma rêde atravessando o rio para cercar as promessas e que o Bom Jesus não tem prejuizo com a sua singeleza...

As actividades populares

O COMPADRE, O CABOCLO E OUTROS BICHOS D'AGUA

O rio de S. Francisco tem muitos malefícios e coisas ruins, mas são todos mais ou menos conhecidos. A febre, por exemplo, a gente pode prevenir, ou a gente pode tratar, ainda que seja preciso, durante muitos dias, verter tinta de escrever, como me dizia um vaporzeiro que havia entrado no azul de methyleno. A syphilis também, que devora pavorosamente os corpos bellissimos dos marinhos gymnastas, e que depaupera o numeroso mulherio ribeirinho, a gente sabe de onde é que vem, qual o "couro" que mais dá, e, embora sendo duro de tratar, dá-se um jeito.

Se a comida anda de escassa gordura e o sujeito emprancha tres dias, com uma pillula se concerta e tudo se arranjará.

Mas e o Caboclo dagua? E o “Cumpadre”? E o Minhocão?

Quando elles veem assumptar as barcas, remexer nos “bois” dos remeiros, atraz de gente e do caldeirão de feijoada, cosinhando no barranco, ahi é que são ellas: esses bichos dagua são imponderaveis, pouca gente lida com elles e ninguem sabe ao certo como apparecem. E o peor é que povoam toda a extensão do rio, constituem familias e de paes para filhos se transmittem os odios e as amizades que teem aos barranqueiros.

Por toda parte que se navegue, encontra-se a população ribeirinha cheia de lendas e aventuras do Caboclo Dagua, bicho exquesito, pretinho como breu, com cara igual a cabaca de groseira, de pisado forte no fundo do rio e que ronca e trinca as pedras do leito, quando está com raiva, ou foi ferido.

Afim de esclarecer melhor os leitores a respeito desses terriveis bichos dagua, contra

os quaes ainda não se descobriu remedio, vou contar algumas historias que ouvi, ora no convivio dos marinheiros que são muito supersticiosos, ora dos proprios barranqueiros, nas noites frescas que passamos encostados á margem, sentados á beira dagua, ou espalhados pelas casas nuas dos ribeirinhos, ouvindo á luz bruxoleante dos candieiros, as façanhas do Bicho formidavel.

PRIMEIRA HISTORIA

Dizem ser apenas a lontra, a ariranha, ou os grandes peixes como o suruby, que mordem os que caem nagua.

Um marinheiro velho contou que desde creança vive na barranqueira e que tem ouvido fallar que o Caboclo dagua costuma apparecer nos remansos, nos logares fundos, mas que elle mesmo nunca viu.

Antigamente, onde hoje é a enorme "crôa" que entupiu a entrada do porto de Januaria, havia um fundão bravo, onde se dizia que morava um caboclo dagua.

Pois, uma noite, estava elle tarrafeando com um companheiro, quando viram vir subindo o rio uma barquinha em perigo de afundar de tanto que ella balançava. Os barqueiros, assombrados, passaram por elles e lhes disseram que o Caboclo do fundão lhes havia feito mal e que não deviam descer até lá.

Como o companheiro de tarrafa declarasse que não se importava com essas cousas, desceram o rio tarrafeando até muito alem da habitação do Bicho e nada encontraram.

SEGUNDA HISTORIA

Um caboclo do Urucuya contou a um vaporzeiro, que me transmittiu, a seguinte aventura, na qual elle, vaporzeiro, acreditou mais para servir: foi quando viajava no Urucuya, onde ha um grande remanso, com uma "crôa". Allí estavam pescando varios individuos, entre os quaes o primeiro relator, de noite, quando sentiram o rumor violento de quebra de paus e appareceu correndo um tatú canastra, que enveredou pela corôa. Atraz,

divulgaram o Caboclo, que correu, apanhou o tatú e começou a comel-o, dando fortes estalidos com a bocca, quando triturava a casca.

Os pescadores foram pé ante pē até o local e, quando o Caboclo os presentiu, enfiou-se na agua. Elles viram os restos do tatú na praia e o bicho voltou depois para buscal-os.

TERCEIRA HISTORIA

Um caboclo do porto de lenha do Maciel, abaixo de Carinhanha, contou que por lá não apparece o Caboclo Dagua, mas apenas o Cumpadre, que é cabelludo, de forma imita um homem e vira paquetes e canoas. Mora nas locas e remansos.

O Cumpadre tem a cabeça lisa, guelras que nem peixe e é encantado.

Esse barranqueiro disse que tem andado de noite em canôa, que faz pouco ruido, mas não tem estabilidade, que já passou remanso de todo geito e nunca o Cumpadre se manifestou; mas sabe que elle já andou numa casa

que a enchente tomou, furando o tacho com o esporão do pé. Os que o viram não atiraram porque este bicho persegue o atirador.

QUARTA HISTORIA

Um rapaz de Riacho de Morada Nova disse que um amigo seu estava fazendo gró-seira no rio, de tardinha, quando viu uma cousa navegando como uma cabaça agua abaixo, e que não se importou. Chegou perto della e enfiçou a vara. Sentiu, então, na prôa do paquete, que era grande (para 8 pessoas), um vulto, de cabeça lisa e de olhos grandes esbugalhados. O pescador saltou no secco e o Bicho deu um empuxão no piloto, que quasi afunda o paquete. Elle correu para uma casa de farinha, onde estava o relator, pediu soccorro e vieram varios sujeitos, que já não viram mais o Bicho, mas ouviram o seu rosnado nas locas.

Um do grupo atirou para os lados do ronco, o Bicho deu uma capoeira na agua, que salpicou o povo no barranco, e sahiu trincan-

do as pedras do fundo da guia, em direcção á ilha da Ignacia.

QUINTA HISTORIA

Um remeiro, na altura da Gamelleira, informou que, uma noite, uma barcaça estava encostada e um sujeito resolveu dormir nella, apesar dos companheiros o chamarem para o secco. Elle ficou e, alta noite, sentiu um vulto que subiu e começou a rodear a cacimba, como quem procura alguma cousa. O sujeito deu um grito com o vulto, o Bicho deu um pulo e trancou os pés na barca, que até moeu um pouco de tapioca no paquete.

SEXTA HISTORIA

Na Pedra do Bode, perto do Jatobá, ha uma “crôa” grande. Dormiam todos no barranco, menos um. Este ouviu a “crôa” trincar sob o peso de um caminhado e o Bicho veio vindo, olhou o fogo e o fogo foi baixando.

De repente, o vulto juntou nas costas um dos homens e sahiu correndo para o rio. O que estava espreitando deu alarme e o povo raspou atraz do vulto. Um delles montou num cavallo em pello e, se a "crôa" não é grande, o pobre roubado estãria encantado e afundado. O cavalleiro crivou o Caboclo de facadas, mas não sabe se elle morreu, porque saltou nagua, largando o homem na praia. Este ficou varios mezes com uma molleza damnada no corpo, perna bamba que nem beriberrênto.

SETIMA HISTORIA

Relato de João Ganso: perto de Barra, um sujeito sahiu pescando para baixo 12 leguas com uns companheiros e, uma tarde, perto de Bom Jardim, saltou no secco, para fazer o jantar. Estava fabricando um espeto com a pernambucana, quando sentiu um pisado atraz de si, do lado dagua. Achou que eram os companheiros que voltavam e continuou a tarefa. O trincado continuou, o barqueiro virou-se e viu um molecote preto,

com pés e mãos curtos e grossos, de unhas fortes, que caminhou nelle e o ajuntou. O barqueiro enfiou a faca muitas vezes e sentiu que ella entrava muito. O bicho passava a unha e arrancava pelles e carnes. Afinal fugiu e o homem foi levado para casa carregado. O Caboclo lhe quebrara uma costella e quasi lhe arrancara um braço.

Um dia, muito tempo depois, esse barqueiro foi pescar e, ao atravessar a barra de um rio de um lado para outro, appareceu um molecote, com agua no peito, que lhe disse:

— “Você matou meu pae! Se você atravessar o rio outra vez, você morre!”

O barqueiro, atemorizado, navegou para casa e nunca mais atravessou o rio. Ainda hoje, mora na Barra e conta o relato aos que quizerem ouvir-o.

II

OS CANTADORES

A riqueza folklorica do rio de São Francisco é um thesouro que ainda poderá por muito tempo ser explorado sem perigo de exgottarse. Em verdade, pouca gente em Minas se interessa methodicamente por essa questão. Citam-se nomes isolados aqui e acolá, espalhados e sem propaganda, cuja obra vae lentamente morrendo, sepultada em brochuras editadas em perfeito anonymato, definitivamente perdidas em jornaes municipaes e revistas de circulação extremamente restricta. Se da assustadora lista de 100 intellectuaes, que um jornal assevera existirem em Minas, separarmos dois ou trez, os demais podem ser suspensos aos cornos da lua tranquillamente, de tal maneira se desinteressam pelos notorios problemas da cultura typicamente nacional.

Na vasta extensão do valle sanfranciscano existe material significativo para pesquisadores de todo genero esperando que alguém se abale aos incommodos da viagem, para apparecer na formação e na interpretação da mentalidade brasileira do sertão.

Naturalmente, quando dizemos rio de S. Francisco, o que occorre ao espirito do leitor é o trecho chamado de Medio S. Francisco, que vae de Pirapora a Juazeiro, numa extensão de 1.300 kls. Entretanto, é preciso não esquecer os outros dois trechos do rio: o Alto, que abrange grande zona do Oeste de Minas, e o Baixo, que envolve tres Estados nordestinos importantes.

Por todas essas margens ha um numero infindavel de cantadores, que reproduzem canções cyclicas; repentistas curiosos que improvisam tremendas descomposturas nos desafios, das quaes frequentemente resulta barulho e forrobodó; sanfonistas e violeiros sentimentaes que historiam seus amores e suas decepções num vocabulario personal e regionalissimo — tudo isso pode ser colligido, e deve ser colligido periodicamente porque a

poesia popular é lingua viva, que accusa immediatamente as intercorrencias de zonas geographicas de influencias linguisticas e reflecte a evolução da mentalidade popular com respeito aos problemas fundamentaes da metaphysica sertaneja e ás questões normaes da vida do homem, que são o amor, a profissão e a sociedade.

Quando, em 1933, descí o Baixo S. Francisco, de Propriá a Penedo, um encalhe providencial fez adherir á lancha para a qual nos transbordaramos um cantador magnifico de Alagoas, que, durante tres horas, desenrolou a fieira de seus tres casamentos infelizes. Barba Azul de viola na mão...

Mas esse era um cantador official, contractado pelo governo do Estado para divertir o presidente da Republica. Os cantadores para os quaes eu chamo a attenção dos 100 intellectuaes são os anodynos do barranco do S. Francisco, que erram de cidade em cidade, evocando as figuras lendarias de outros cantadores geniaes no Mediterraneo.

Espalhados pela rota dos vapores, são facilmente encontraveis violeiros e poetas de

boa reputação em varios portos de lenha, as poeticas estações onde os vapores tomam lenha, as barcas se detêm para commerciar ou para dormir, e onde ha sempre dois ou tres grupos de casas. E' o que basta para haver cantoria.

Encontrei no Bom Jesus da Lapa um typo classico de cantadores: a parelha de cegos — João Cego e Chico Cego — dois conhecidos aedos ribeirinhos, que ora estão aqui, ora alli, ora juntos, ora separados, mas sempre vivendo de cantar para os caboclos as compridas e monotonas poesias cyclicas, contendo um episodio completo da vida de determinados heroes do sertão.

O pedaço de noite que passei na friagem do barranco, sentado no meio de marinheiros, de uma dezena de "brabos" do sertão do Sincorá e de pobres, que se achegavam a nós para apanhar as sobras do pratinho, foram horas de poesia inesqueciveis, a que se deve juntar uma inesquecivel constipação.

João Cego, que enxerga um pouco de um olho, canta mal e toca caracachá, tem duas

raparigas por sua conta na Barra e uma mulher legitima, que não sabe onde está. Elle canta de segunda, acompanhando Chico Cego, violeiro cego dos dois olhos, disforme, que tem duas filhas cegas e uma secretaria, que fiscaliza o prato das contribuições. Chico Cego cantou para nós a historia das aventuras de José Pretinho, cantador invencivel que derrotou todos os violeiros do Piauhy, do Ceará e do mais restante do sertão. Estariamos nós a accrescentar da Europa, França e Bahia, como aquelle famoso Chico Doce, da falla branda e macia que entrou pro mar a dentro e fez tanta estrepolia que sô Rei mandou lhe chamar “pra mode casá com sua fia”...

Passei a noite de S. João em cima de um caminhão do Rio Grande do Norte, palmilhando cento e trinta kilometros de valle do grande rio, em plena caatinga desertica. Nós eramos cinco passageiros — um padre em desobriga, um vendedor de sabonetes, um professor de Geographia da Universidade de Riga, na Lettonia, meu companheiro dr. José de Mello Santos e eu — e a nenhum de nós dessa estranha companhia deixou de causar a

mais deliciosa das impressões a poesia das fogueiras em louvor do Santo, que por toda parte fomos encontrando no deserto nordestino.

Muitas vezes eram somente os vultos enfileirados, dansando dansas de conjuncto, que viamos de nossa desconfortavel viatura; mas o vento trazia restos de cantorias suggestivas, que o radio, o carnaval e as más companhias das capitaes ainda não perverteram.

E' preciso registrar com urgencia tão precioso material. Os vapores que navegam no medio S. Francisco estão installando radios e geladeiras. Breve, as canções classicas perderão sentido. Já não se poderá dizer "Januaria da cachaça, S. Francisco da arrelia", porque os ribeirinhos preferirão a bebida gelada dos vapores e as ultimas creações dos sambistas do litoral.

Espalhar-se-ão com rapidez os termos e o vocabulario malandro dos "speakers", as phrases moleques do carioca. O ribeirinho ficará sem vergonha e cynico, escondendo seu vocabulario delicioso de anachronismos e mutila-

ções verbaes nos fundões e nos remansos, nas locas inaccessiveis onde mora o Minhocão.

Quando o linguista fôr lá, terá viajado mil e trezentos kilometros, apanhando carregação de maleita e intoxicação de carne para ouvir, encostado num frondoso chique-chique, a voz insupportavel de Cesar Ladeira e as graças littoraneas da Hora do Gury.

III

AS ARTES POPULARES

A vida regional no sertão do Norte do paiz é muito mais característica do que a do sertão do Sul. Ainda hoje, apesar dos progressos havidos com as communicações ferro e rodoviarias; com a intensificação do trafego marítimo e aereo, o Norte constitue o melhor depositario de trabalhos manuaes regionaes typicos do paiz.

Qualquer viajante que tenha aportado na cidade do Salvador terá visto a massa de cousas interessantes que se vendem em seu mercado sombrio e movimentado, bem defronte ao novo elevador.

De Bahia para cima, cada cidade á beira dagua é um mundo novo em materia de arte popular, desde as rendas admiraveis de Ma-

ceió e de Fortaleza, os objectos de chifre e de tartaruga, as cestas de Alagoinhas, onde ha qualquer cousa de africano, até ao inacreditavel mercado de Belém do Pará, onde tudo é novo e o velho é accrescentado de qualquer cousa, que constitue o sello do Amazonas.

Mas se as artes populares estão assim desenvolvidas no littoral (Ceará chegou a exportar mil contos de réis de chapéus de fibra), não são menos objecto de trabalho constante no interior. Percorri, ha alguns annos atraz, todo o sertão nordestino, desde Salvador até Fortaleza, ora de trem, ora de barco, ora de automovel, e tive occasião de visitar as principaes feiras da região, nas quaes se estadeia a infinita riqueza de recursos naturaes para a arte regional.

E' preciso salientar, desde logo, a importancia do trabalho das mulheres neste assumpto. A ceramica do Nordeste é obra dellas e, se soubermos como rende pouco a sua confecção, teremos serias razões para adorar essa gente humilde da roça. Os potes são cozidos ao ar livre, em redor de pequenas fogueiras. Só isso basta para explicar que de cada duzia

a mulher perde pelo menos oito vasos, ao cozel-os; pois variando a temperatura e a direcção do vento, racham os potes em sua immensa maioria. Entretanto, em Feira de Sant' Anna, talvez o mercado regional mais interessante do sertão, compra-se um vaso grande por \$200 e \$300, das mãos callosas e tremulas das velhas negras, que se esparramam pelo chão, com suas alvas saias bem rodadas.

No sertão do rio de S. Francisco não é menos valioso o contingente de trabalhos regionaes que se vae encontrando por toda parte.

Ha ali uma prospera industria de objectos de couro, assim como de fibra, de cipó e de rendas de bilro, em todas havendo grande variedade de modelos e de typos.

A população ribeirinha, que Capistrano dizia estar na "idade do couro", deve tambem ser classificada na "idade do burity, do ouricury, do cipó e do bilro".

Em Pirapora, a influencia dos mercados de manufacturas do Sul é muito forte para que se possa observar com facilidade a obra puramente regional. Vi, dentro de algumas

salas de visita, através de vastos janellões abertos para a luz, para o vento e especialmente para a poeira, essas terríveis almofadas de seda que as meninas aprendem a fazer em nossos collegios, inspirando-se para os desenhos nos modelos estrangeiros e nos Napoleões de folhinha de casa commercial.

Mas, á medida que se vae descendo, as cidades vão ficando mais representativas, a arraia miuda se senta no chão, começam a apparecer as alpercatas de couro, os pirahys, os arreios, os chapéus de couro amarrados á nuca, a massa emfim das cousas que se fazem com "pelle de gado", como elles dizem por lá.

Em S. Francisco, uma rêde de burity custa 3\$000. As cousas vão começando a ficar phantasticas pelo rio abaixo.

Os barqueiros, em sua maioria, desconhecem o ferro para a industria domestica: sua moenda é uma peça de pau; sua casa, barro e ripa; suas telhas, folhas seccas de palmeira; sua decoada, achas de carnauba em forma de coador — tudo vae ficando sertanejo, graças a Deus, e ha sempre uma novidade em cada canto.

O ponto culminante da arte popular do rio, para quem não quer esmiuçar, estaria porventura no armazens do sr. José Martins, negociante da cidadé do Rio Branco, antigo Urubú.

Não sei si o leitor sabe que os chapéus de seda de ouricury do Urubú têm fama “universal” . . .

Esse cavalheiro, especializado em artigos da região, tem, arrumadas mais ou menos, em columnas que são mais altas do que os freguezes, pilhas de cordas de rede de caroá, tecidos variadissimos de lã, redes de tucum e de caroá, cestinhas de caroá e de fibra de burity, cousas de cipó, chapéus de todo genero, desde as fibras plebéas até o aristocratico ouricury e alguns trabalhos de tecelagem. Sahindo de sua casa, sahe-se tambem do sertão do Nordeste.

Mas, não pára ahi a successão de artes populares. Pelo contrario. Com os coqueiros da Bahia apparecem as rendeiras de bilro, nos barrancos, nas cidades, em febril actividade.

No Bom Jardim, villarejo que parece Polynesia de fita de cinema com suas areias alvas, seus coqueiros esgueiriços e tortos do vento, quem anda pelas ruas desertas durante o dia, ouve constantemente o ruído característico que fazem as rendeiras com seus bilros, na agilidade do trabalho quotidiano. “Esse barulho é muito bom pra se tirar tora”, insinua um váporzeiro...

Depois, é preciso admirar a precisão e o gosto dos motivos dos desenhos das rendas de bico e de entremeio de Bom Jardim, Barra, Morada Nova, Sant’Anna e mesmo alguns de anonymas barranqueiras, que fui encontrar trabalhando á frente de seus casebres.

A arte popular dessas regiões está viva e é uma suggestiva demonstração de actividade operaria que não deve passar despercebida aos nossos educadores e aos nossos dirigentes, que tanto se preocupam com a questão social e o proletariado.

Ha uma anciosa expectativa em torno do que o Estado pode e deve fazer sobre orientação profissional escolha de vocações e da occupação dos lazeres de nossa gente pobre.

Pois que em meio ás suas actividades lembrem-se os nossos dirigentes de olhar um pouco para este problema das artes populares do Sertão, como elemento primordial de uma grande acção entre os operarios, que cada vez mais precisam de occupação extra-fabrica para distrahirem-se das desorientações de que estão constantemente cercados.

IV

A DISPERSÃO DAS VELHARIAS

Não é de hoje que se clama contra o empobrecimento de nossos archivos e a dispersão de objectos característicos da vida domestica do passado e denunciadores do grau de cultura artistica dominante nas epochas coloniaes e imperiaes. Como a maioria desses documentos esteja sob a guarda de particulares, têm sido inuteis todas as campanhas.

Às nossas barbas mesmo dão-se cousas inacreditaveis: não ha muito, distincto mineiro me contou que um ricaço comprara e mandara carregar para S. Paulo o lindo chafariz colonial existente no caminho do Cangalheiro, de Barbacena.

Longe de nós, então, constituem as velharias um commercio lucrativo. No sertão do

S. Francisco encontrei um cavalheiro que ha muitos annos negocia em objectos de ouro, prata, louças e moedas.

Pelo que contou, as margens do rio estão muito exploradas, embora ainda exista muita cousa a negociar. Em Manga, fomos juntos a uma velhinha, que, emperrada de rheumatismo, jazia em uma rêde a um canto da sala. A sala estava pobrementemobiliada e segundo o gosto tradicional: o pouco que havia de cadeiras alinhado ao longo das paredes. Essa dama discutia com grande vivacidade o preço do ouro e se negava a mostrar uma imagem do ouro massiço que seu marido lhe deixara. Guardava-a para presentear a pessoa que a ajudasse a fechar os olhos.

— “Objectos como esse são innumerous, contestava o negociante comnosco. O difficil é negociar. Os possuidores são treteiros e estão aprendendo a valorisar o metal”.

E’ que, em geral, os compradores pesam direitinho os objectos, mas começam a descontar no toque. Cousa de 20 compram por 10 quilates e se aproveitam da sujeira e da pro-

pria demora da reacção dos ácidos sobre a liga para tapear os vendedores. Uma exploração muito bem organizada, que se transformou em profissão.

Desde que o individuo se afaste um pouco das margens, a quantidade de velharias augmenta consideravelmente. Todo aquelle vasto sertão foi palmilhado por muitos expedicionarios, que usavam em sua vida diaria objectos de ouro e prata, louças de Macau, que eram habituaes, ao lado das faienças francezas e seu mobiliario, algumas vezes feito no local, imitava exactamente o que era moda em S. Paulo, Bahia e Portugal. Ainda ha vestigios evidentes deste typo de mobiliario até no modesto trem do operario.

Vimos no porto de Carinhanha, empoleirada sobre oito toneladas de "pelles de gado" uma familia de creoulos que se retirava para Lapa, de mudança. Levava tudo: quatro rêdes, uma maleta de couro, um pote grande e uma cadeira baixa, estragada e suja. Porém, com ser o unico mobiliario, era um exemplar delicioso de antiguidade, com seus torneados nos pés e sua arqueação nitidamente colonial.

O vigario de Carinhanha confirmou todas as affirmações relativas á riqueza dos objectos usados pelos actuaes herdeiros dos colonizadores, gente pobre, que vende o que tem sem muita cerimonia.

A quantidade de portuguezes deve ter sido grande no São Francisco até por occasião da Independencia e esses habitantes certamente trouxeram para o sertão exemplares numerosos da encantadora arte peninsular.

Confirmação de sua actividade e influencia encontra-se na curiosa legenda da campanha dos "mata-maroto", pendenga feroz que existiu entre portuguezes ribeirinhos e barraqueiros nacionaes. Os portuguezes perseguidos, refugiaram-se no interior. Um cavalleiro me contou que a 4 legoas de Itacaramby existe um logar abandonado, denominado Bello Monte, onde as casas estão completamente em ruinas. Ha lorangeiras, bananeiras e muitas outras plantas mansas. Ninguem mora lá, mas, ha muitos annos atraz, uma porção de fazendeiros ali se abrigou da politica.

Com a noticia de taes correrias, apparecem tambem as legendas dos thesouros es-

condidos, ora por motivos de segurança contra os escravos e os parentes, ora por motivo do inimigo externo. Houve quem me contasse que, a 8 leguas de Manga, no sitio denominado Poções, ha uma gruta atravessada por agua no meio e que do outro lado da agua ha objectos depositados, que ninguem se arrisca a ir buscar. Agua que fura a terra e apparece outra vez chama-se agua engrurada.

Historias como essas são frequentes e denunciam um estado de espirito significativo da decadencia da riqueza e da cultura da região que ainda não se libertou da influencia desses antigos dominadores.

Em torno da velha e famosa igreja de Morrinhos, um dos mais imponentes monumentos da architectura religiosa de todo o S. Francisco e um dos mais antigos templos de Minas Geraes, circulam cousas extraordinarias.

Ha noção de subterraneos entupidos pela acção do tempo, historias de bahús escondidos nas paredes, contendo moedas e paramentos de metal precioso e não falta quem mande excavar o adro e as adjacencias, na esperança

de uma invenção. Alguns negociantes de Pirapora já pagaram terceiros para apurar a veracidade da lenda e não tardará o dia em que a propria segurança do predio possa comprometer-se com as actividades de algum explorador mais audaz.

Emquanto os sonhadores estão procurando o ouro, faz-se a dispersão das cousas valiosas que pertencem á igreja. Há pouco tempo, foram retirados de lá e doados á vontade muitos documentos. Um negociante bahiano residente em Riacho de Sant'Anna, perto de Lapa, quiz vender-me os manuscriptos que retirara da Igreja de Morrinhos e que traziam a assignatura de Mathias Cardoso. Referiam-se a uma expedição contra os indios. Um outro negociante me disse que, de outra vez que se demorar no arraial, vae obter as lindas decorações e molas de metal que servem a uma arca que está cahindo de pôdre.

Assim se vae fazendo lentamente, a dispersão de documentos de importancia e de velharias que interessam de perto ao conhecimento do passado da região.

Não levantarei aquelle famoso e energico protesto contra o commercinho desta pobre gente que está dispondo inconscientemente do que não lhe pertence ou do que ganhou sem trabalho, por herança.

Quando em Sabará, em Caeté, em Ouro Preto, em Marianna se vendem cousas coloniaes ao primeiro que passa, como attestam os grandes colleccionadores do Rio de Janeiro, seria realmente exaggero falar na dispersão que se verifica no longinquo sertão do rio de S. Francisco.

Que elles negociem em paz!

Conclusão:

Viajemos pelo Rio de São Francisco

Viajar é o grande gosto do seculo. Realmente, pouca cousa é mais attrahente do que estar no meio de desconhecidos, tentando descobrir quem são as pessoas com as quaes a gente está comendo á mesma mesa, andando na mesma viatura e xingando junto as cousas ruins de cada logar.

E nada deste mundo é mais gostoso do que amanhecer em um hotel, dormir em outro; passar, para não mais voltar, duas horas conversando com um morador isolado num barranco, ou comer cousas differentes das que figuram habitualmente em nossa mesa, mas comel-as sem ser de lataria, como é uso fazer com o caviar da Russia e as lagostas da Australia, o sururú de Alagoas e os camarões de Santa Catharina.

O Rio de S. Francisco offerece, então, neste capitulo, uma attracção infinita, que não pode deixar de impressionar o turista. E',

um paiz maravilhosamente primitivo, onde o turismo não existe para perturbar as cousas existentes, de maneira que o viajante de agora é um homem livre de programmas, de impresos, sem lei que lhe prohiba ver isto ou aquillo, ou não fazer taes e taes acções: o turista actual do S. Francisco é um descobridor de cousas seculares e um gozador da natureza desconcertante desse valle pittoresco e grandioso.

O encanto da viagem na secca, por exemplo, começa em que não se sabe quando se vae chegar. E' descer um pouco abaixo de Pirapora e o navio encalha. O pittoresco da operação de desencalhe é phantastico; ao que se deve acrescentar que assim pousa o navio sobre o banco, os passageiros tambem botam seus calções e cahem na agua rasa para nadar...

Navio que desce não viaja de noite. Amarra-se pelos barrancos, ora habitados, ora desertos. E' a hora de encostar-se a gente ás fogueiras dos remeiros, ou de rodear as salas nuas dos casebres dos barranqueiros, atraçan-

cados de selins dos jegues, ou de mantimento accumulado, ouvindo, ao semi-tom dos candieiros de kerozene, as historias de bichos dagua, os enguiços das plantações, ou simples detalhes da vida quotidiana inexpressiva, que são contados em uma linguagem inedita, que, só por ella, vale todos os inconvenientes dos trens e dos vapores e todas as ameaças de febres, de que os turistas ficam cheios, sem razão.

Depois, começam a brotar as cidadezinhas, os povoados, onde aporta o vapor tempo bastante para que os vejamos inteiramente. Vae-se comprando um pouco de doces locais, de cousas regionaes, de uvas (ah! e que uvas têm as margens do rio de S. Francisco). Os olhos principiam a encher-se de architectura colonial, de mau gosto nacional, deliciosamente perpetuado em desenhos e esculpturas de portões, de platibandas, de revestimentos de casa com lascas de pedras, como se fosse calçamento de passeio, apparecem as igrejas ingenuas, grandes, como a de S. Francisco, pequeninas como a do arraial de Oliveiras, todas ageitadinhas e respeitadas — já o via-

jante esquece de onde veio e inicia a sua propria naturalização.

Mas, se fosse só isso, os leitores poderiam suspeitar de minha propaganda. Digo-lhes, porém, que ha muito mais e em outro terreno, que não esse da vida humana: é a vida propria do rio, que parece ter uma yara formidavel para encantar a todos que ali navegam e que organiza espectaculos especialmente para nós. E de que maneira surprehendente, só vendo para realmente emocionar.

Não ha um poente do S. Francisco que não seja um deslumbramento de luz e de colorido, abrangendo todo o gigantesco azul do céu. Em alguns lugares, como no enorme remanso de quasi uma legua de largura, á chegada de Oliveiras, a scena é tão perfeita que não cabe descripção cabal: é o céu de fogo, a agua parada e, nas margens, espaçados, enormes morros de pedra nua, onde o reflexo do sol poente crêa palacios encantados, que mudam de cor e nos transportam para Pasargadas incaicas, paizes bizarros, em que o sol é deus, e com justa razão.

E a delicia do rio, com a sua massa de peixes, de kágados, de cobras e de jacarés! Inclusive daquelles jacarés que esperam tiros especiaes. . .

Leve o leitor uma linha de pescar e uma boa espingarda de cartucho, que ha muito o que fazer com ellas.

Se o navio encosta para dormir e a correnteza não é muito forte, ponha um pedaço de carne no anzol e espere dois minutos, no maximo: eu assisti a pescarias nocturnas que até nem davam o prazer de pegar no anzol, porque os peixes não esperam a gente cochilar. Vem de tudo: piranhas que roncam doidamente antes de morrer, dourados, piabas, caboges, matrichãs, que são os melhores. Uma noite compareceu até uma tartarugazinha.

Era commum o peixe do almoço ser pescado na vespera pelos passageiros.

E a carabina serve a toda hora, porque por lá esse negocio de Codigo de Caça e Pesca é babozeira. Bote seu cartucho e agunte a

mão: toda hora esvoejam bandos graciosos de garças rosadas, coruquerês, curicacas, tucanos, ererês; as margens estão povoadas de fugaces gallinhas d'agua e de somnolentos jacarés. E' só sentar fogo...

A bahianada na II.ª Classe se encarregará da gritaria. Cada tiro é uma ovação no meio do rio.



Appendice:

Alguns preços da região

(Colhidos em junho de 1936)

	Pirapora	Januaria	Manga	Barra	Pilão Arcado	Chique- Chique	Oliveira	Juazeiro
Abobora, duzia	3\$500	2\$500	2\$000	4\$800	3\$000	2\$000	2\$500	6\$000
Banana, por \$100	4	6	4	—	—	3	3	2
Batata doce, kilo	\$800	\$200	\$100	—	—	—	\$100	—
Cabrito em pé	13\$000	8\$000	8\$000	—	2\$000	5\$000	2\$000	5\$000
Carne fresca, kg.	1\$200	1\$000	1\$000	1\$200	1\$000	1\$000	1\$200	1\$000
Carne de sol, kg.	1\$600	—	—	1\$500	1\$400	1\$600	2\$000	1\$600
Coco, unidade	—	—	—	—	—	—	\$100	\$200
Farinha de vasante, litro	\$200	\$125	\$200	\$080	\$046	\$080	\$060	\$075
Feijão, litro	\$600	\$600	\$500	\$400	\$460	\$200	\$600	\$400
Gallinha em pé	3\$000	1\$000	1\$500	—	1\$000	1\$000	1\$000	1\$500
Jegue	—	25\$000	30\$000	—	35\$000	40\$000	40\$000	15\$000
Laranjas, por \$100	3	5	3	5	—	3	Não há	3
Leite, garrafa	\$500	—	—	\$400	\$200	\$300	\$200	\$400
Limão, por \$100	10	12	10	20	30	24	Da-se	20
Mandioca, raiz	\$030	\$100	—	\$300	—	\$050	—	—
Mel de abelha, garrafa	—	2\$000	1\$000	—	1\$200	\$600	—	1\$200
Milho, litro	\$170	\$037	\$050	\$150	\$090	\$100	\$125	\$200
Ovos, duzia	1\$200	—	—	\$800	\$600	\$600	\$600	\$800
Peixe fresco, kg.	—	1\$200	1\$000	—	1\$000	\$400	—	\$400
Rapadura	\$800	\$700	\$600	—	—	\$600	\$200	\$900
Requeijão, kg.	—	2\$400	2\$000	—	2\$000	3\$000	1\$200	2\$000
Sofá de arrasto	—	2\$000	1\$500	—	1\$000	\$700	\$800	1\$200
Toucinho, kg.	1\$800	—	—	1\$500	1\$200	1\$500	2\$400	1\$600
Uva, kg.	1\$800	2\$000	2\$000	—	—	2\$000	\$800	1\$800

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empreza Graphica da “Revista dos Tribunacs”, á rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Agosto de 1937.



N.º 1 — *Barranco tomado pelo rio*



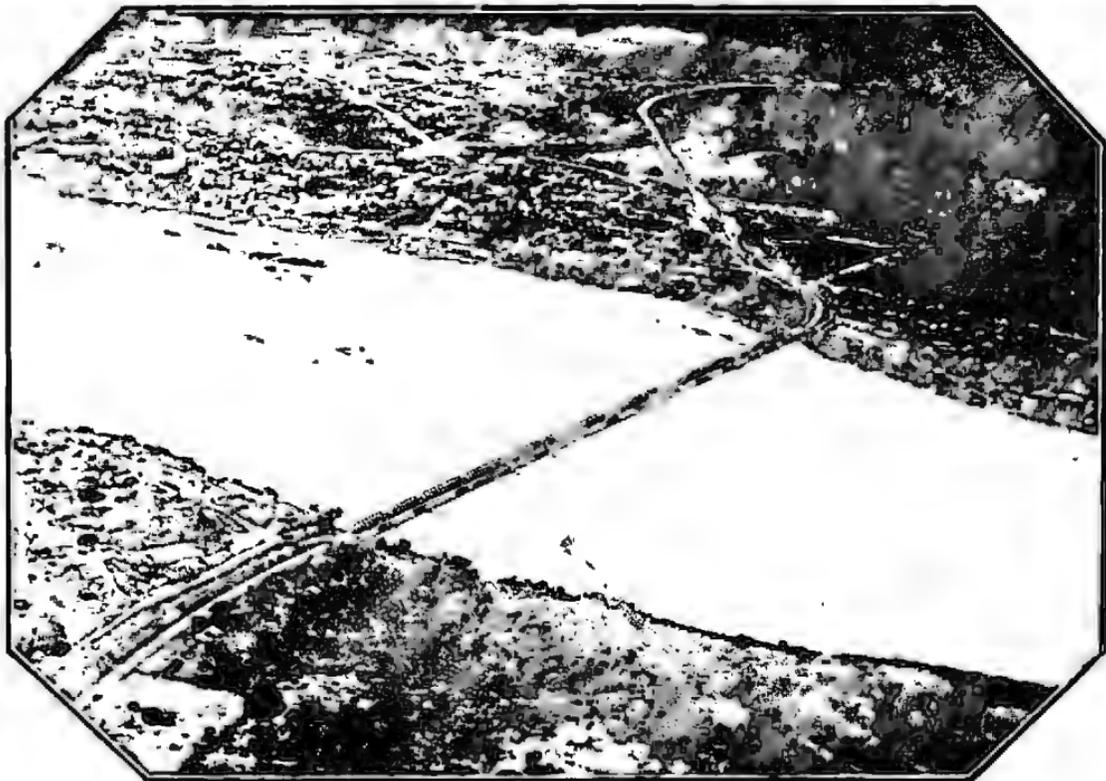
Prof. Gederts Ramans



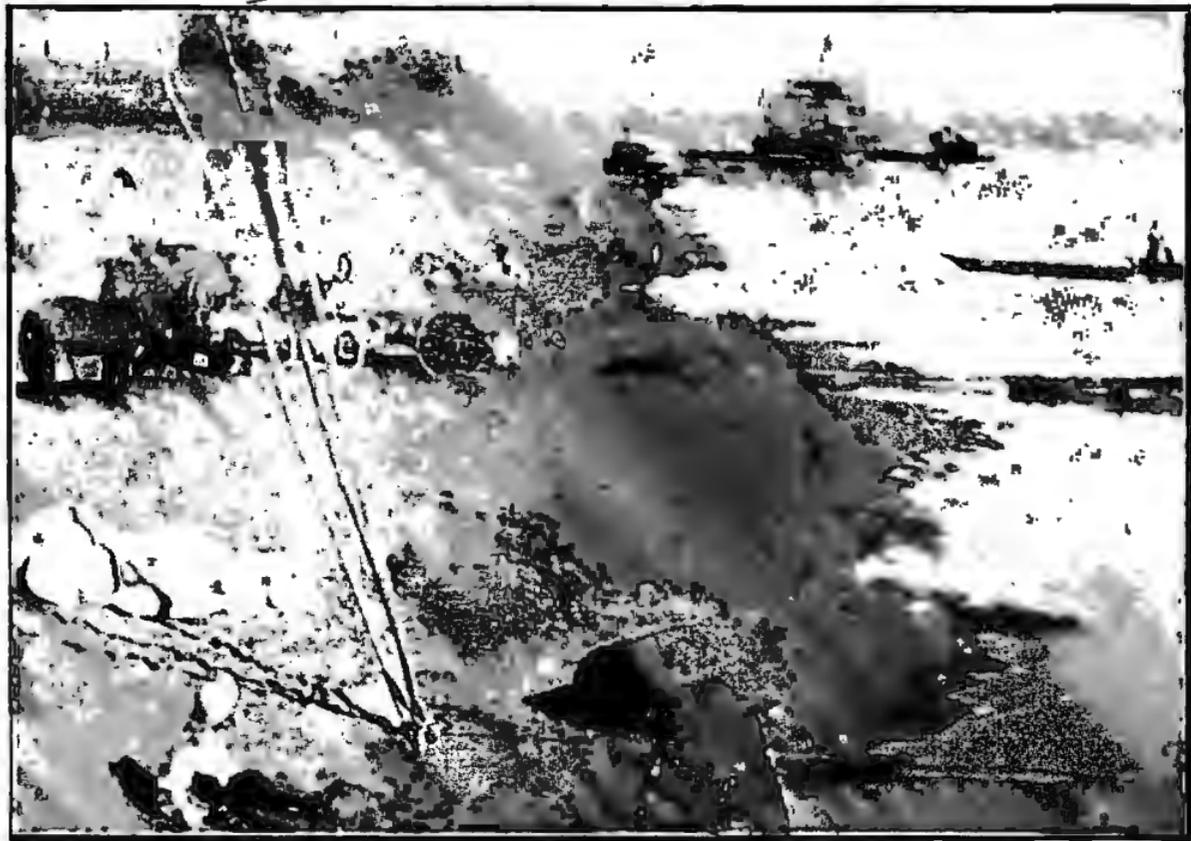
N.º 2 — *Pau a pique*



N.º 3 — *Gado lambendo o barranco*



N.º 4 — *Vista acree de Pirapora*



N.º 5 — *Porto de Pirapora na secca*



N.º 6 — *Porto de Carinhonha*



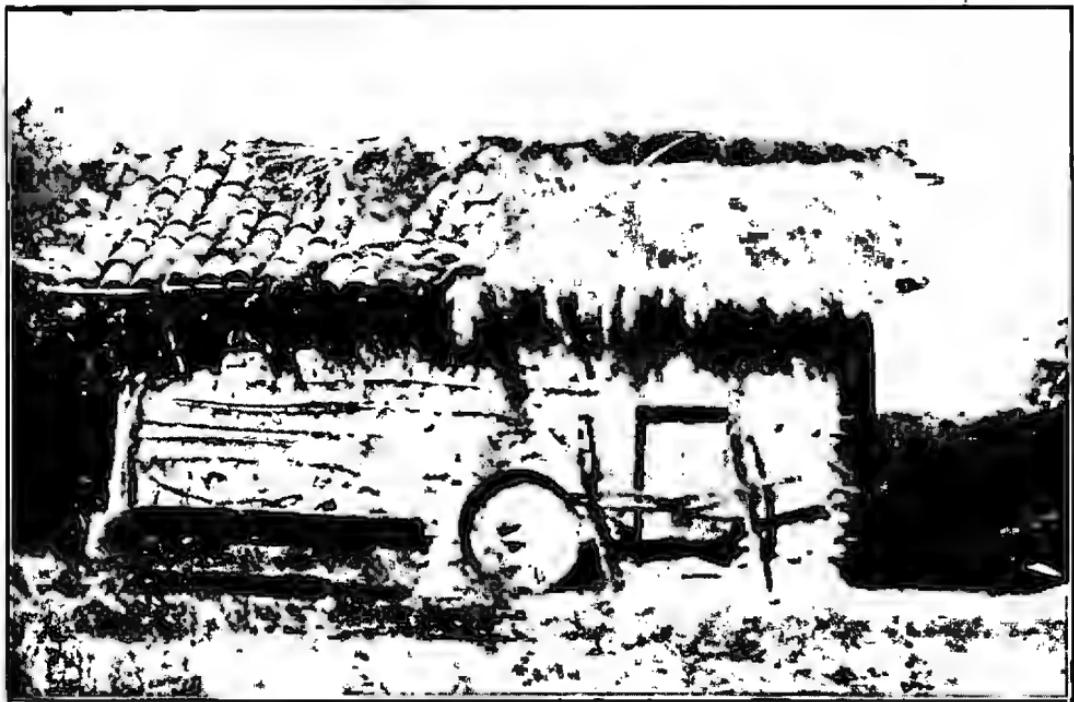
N.º 7 . - O transporte da ancora



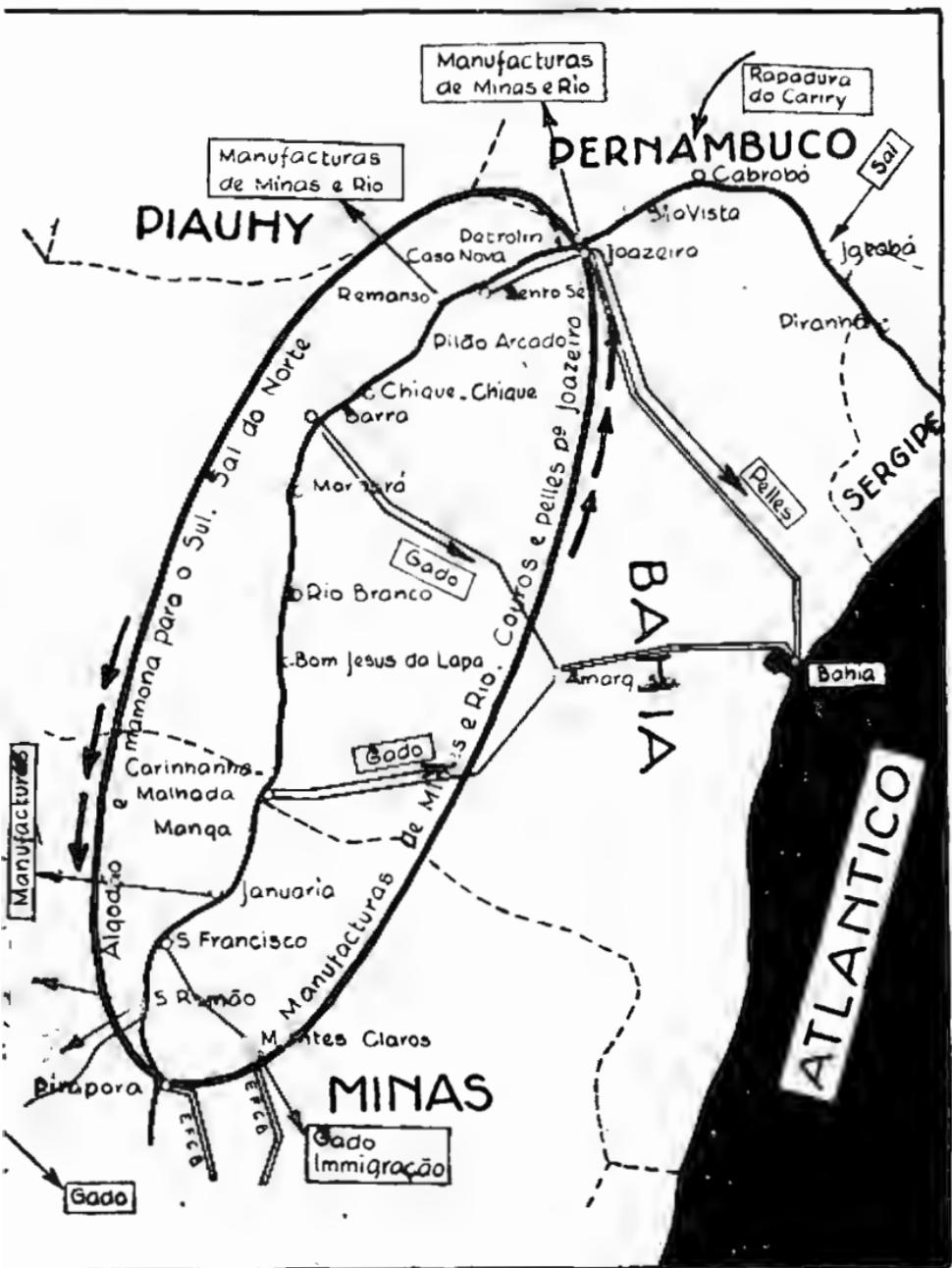
N.º 8 — *Firmando a ancora*



N.º 9 — *Barranqueiros bahianos*



N.º 10 — *Casa de barranqueiros*



Eschema da circulação no rio de São Francisco



N.º 11 — *Casa de barranqueiro*



N.º 12 — *Sertanejo vestido de couro*



N.º 13 — *Carreiros de Sitio do Matto*



N.º 14 — *Casa colonial de Januaria*



N.º 15 — *Tipos de "brabos" em peregrinação*



N.º 16 — *Panorama de cheia*



N.º 17 — *Porto de lenha*

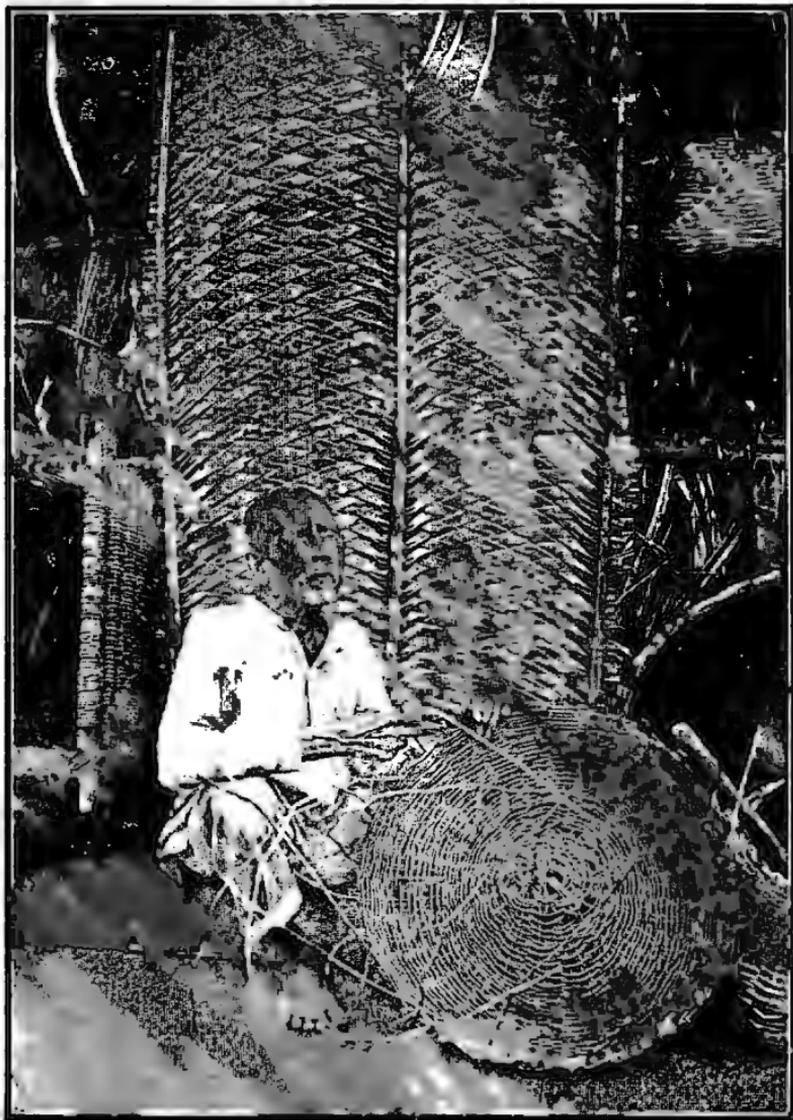


N.º 18 — *Rendeiras de bilro*



N.º 19 — *Dois aspectos da feira de Sant'Anna*





N.º 20 — *Cesteiro cego* .



N.º 21 — *Egreja de Mathias Cardoso*



N.º 22 — *Paisagem typica*